



# Cira Arqueologia

N.º 6



Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira  
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)



Centro de Estudos  
ARQUEOLÓGICOS  
Vila Franca de Xira



# Cira Arqueologia

N.º 6



**Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira**  
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)



Centro de Estudos  
**ARQUEOLÓGICOS**  
Vila Franca de Xira

## Revista Cira Arqueologia n.º 6

O Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira - CEAX, tem vindo a pautar desde a sua criação por uma dinâmica singular, que nos apraz. Essa dinâmica, plasma-se em diversos cenários que não só os costumeiros palcos das poeirentas escavações. Não que estes tenham algo de mal em si, mas importa sublinhar que para além dos imperiosos trabalhos de campo quer em contexto de obras de renovação e a reabilitação do tecido urbano do município Vilafranquense, quer de projetos de investigação, nunca foi descuidado o papel da ciência arqueológica e da Museologia quer no estudo e publicações quer na realização de exposições e ações de divulgação junto dos públicos do Museu Municipal.

O Museu assume assim a sua função, não só de colector passivo de objectos a organizar em tipologias e a arrumar nas prateleiras, mas como agente social, pautando e interagindo com a comunidade. Entendemos assim, o património como recurso singular para a inclusão social e económica das comunidades perante um caminho de desenvolvimento sustentável. Um excelente exemplo desta atuação é o sítio de Monte dos Castelinhos, e suas ruínas romanas de cuja existência e relevância histórica e patrimonial a população tem vindo a assumir e interiorizar com orgulho como suas.

A edição do sexto volume da Revista CIRA Arqueologia é um momento de contentamento, pois vem uma vez mais sublinhar o papel da centralidade do território de Vila Franca de Xira, no quadro do Vale do Tejo e da península de Lisboa. Com os seus onze artigos e mais de duzentas páginas de produção de conhecimento, confirmam a aposta do Município nesta publicação e é a prova que também em meio autárquico é possível trabalhar em prol da ciência.

A VEREADORA DA CULTURA

**MANUELA RALHA**

### **Museu Municipal de Vila Franca de Xira**

Rua Serpa Pinto, 65  
2600-263 Vila Franca de Xira  
Tel.: 263 280 350

[museumunicipalvfxira@cm-vfxira.pt](mailto:museumunicipalvfxira@cm-vfxira.pt)  
[www.museumunicipalvfxira.pt](http://www.museumunicipalvfxira.pt)  
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)



# Cira Arqueologia

N.º 6



**Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira**  
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)



Centro de Estudos  
**ARQUEOLÓGICOS**  
Vila Franca de Xira

## ➤ Novos dados sobre o urbanismo de Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira). A campanha de escavações de 2017

**JOÃO PIMENTA** CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE VILA FRANCA DE XIRA - CEAX; UNIARQ (CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA)

**HENRIQUE MENDES** CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE VILA FRANCA DE XIRA - CEAX; UNIARQ (CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA)

### 1. Introdução (razões da intervenção)

Desde 2008 o Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX) tem vindo a desenvolver escavações arqueológicas no sítio de Monte dos Castelinhos, Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira. Estes trabalhos inserem-se no âmbito do Projeto de Investigação plurianual de Arqueologia, Monte dos Castelinhos e a romanização do baixo Tejo (MOCRATE), contando com o apoio de dezenas de estudantes das Faculdades de Letras da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

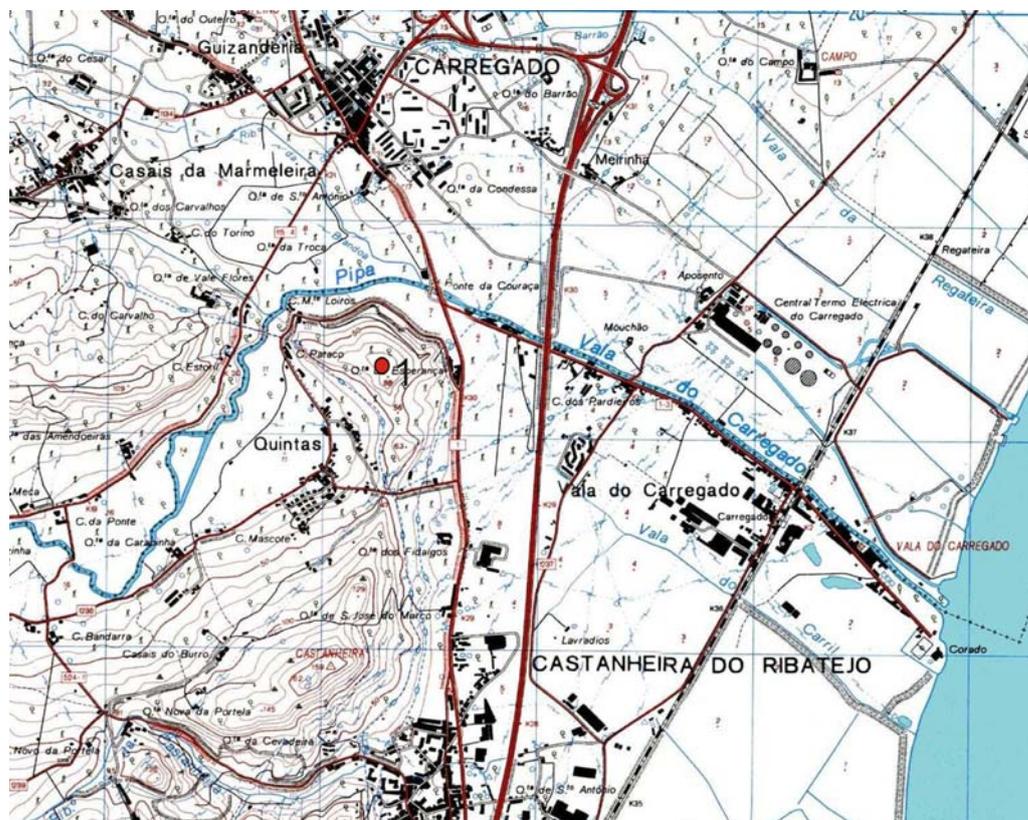
Monte dos Castelinhos ocupa um extenso morro calcário que se ergue na antiga confluência do rio Grande da Pipa com as margens do Tejo, a cerca de 88 metros de altitude máxima (Figura 1). As características da sua implantação, com ampla visibilidade e fácil defesa, levam a que a sua localização assuma uma posição geoestratégia assumindo um claro controlo de uma zona de fronteira natural.

Desde o primeiro gizar do projeto de Monte dos Castelinhos, ficou claro que o sítio teria sido ocupado não só no período romano republicano, mas que esta ocupação se teria prolongado ao longo do século I d.C. Esta aceção assentou nas conclusões do estudo das coleções de materiais, resultantes das extensas prospeções aí efetuadas, quer nos anos oitenta, quer mais recentemente em 2008, deixando estas, antever uma ocupação alto-Imperial pelo menos até ao período Flaviano (Pimenta, Mendes e Norton, 2008; Silva, 2012).

Mais recentemente, com o desenvolver das escavações e com o alastrar dos trabalhos de reconhecimento do sítio às suas encostas de menor altimetria, deparámo-nos com evidências atestando uma presença mais tardia de época tardo-romana, sem que seja claro se existe hiatos na presença humana no morro dos Castelinhos. O elemento datante de cronologia mais recente, recolhido em escavação, corresponde, a um fragmento de *terra sigillata* Africana D do Tipo Hayes 59A, datado do século IV/V d.C., (Pimenta et al., 2015). Contudo a este fragmento, teremos ainda, que aduzir os elementos de superfície, recolhidos na base do morro, tais como um conjunto de numismas tardios do qual o mais recente é do Imperador Flavius Gracianus (367-383 d.C.) (Ver Pimenta et Al. 2015), a par de dois fragmentos de bocais de pratos de *sigillata Foceense* Tardia do Tipo Hayes 3, e de um fragmento de um fundo de grande prato de “Derivado de *sigillata* Paleocristã” (DSP). **FIG. 1**

Apesar destes indícios, as diversas campanhas de escavação efetuadas, não lograram atestar de forma contundente essa ocupação.

Objetivamente, as leituras estratigráficas, permitem afirmar de forma clara a relevância do sítio em época romana republicana, com duas distintas fases de ocupação e com nítidos sinais de uma destruição de cariz bélico bem datada da década de 40 a.C. (Pimenta e Mendes,



**Figura 1**  
Localização do Monte dos Castelinhos na Carta Militar 1: 25.000.

2014). Na área da Sondagem 4 e 5, é clara a leitura de que após o colapso das estruturas edificadas da Fase 2, este conjunto não foi reerguido. Contudo, estão presentes estratigraficamente diversas interfaces, interpretados como, valas de roubo de pedra, e datadas pela presença de fragmentos de *terra sigillata* de tipo Itálico, de inícios do século I d.C.

Um dos objetivos da presente campanha era precisamente o de iniciar uma nova área de Sondagem com o objetivo de tentar obter resultados que atestassem estas ocupações posteriores.

Tendo em conta, os vestígios de superfície, indicadores de uma cronologia mais avançada centrada no século I d.C., nomeadamente uma concentração de fragmentos de *terra sigillata* de tipo Itálico e Sudgálica em uma área bem definida da encosta ocupado por olival decidiu-se em 2016 abrir uma nova área de Sondagem, a N.º 8 (ver figura 3).

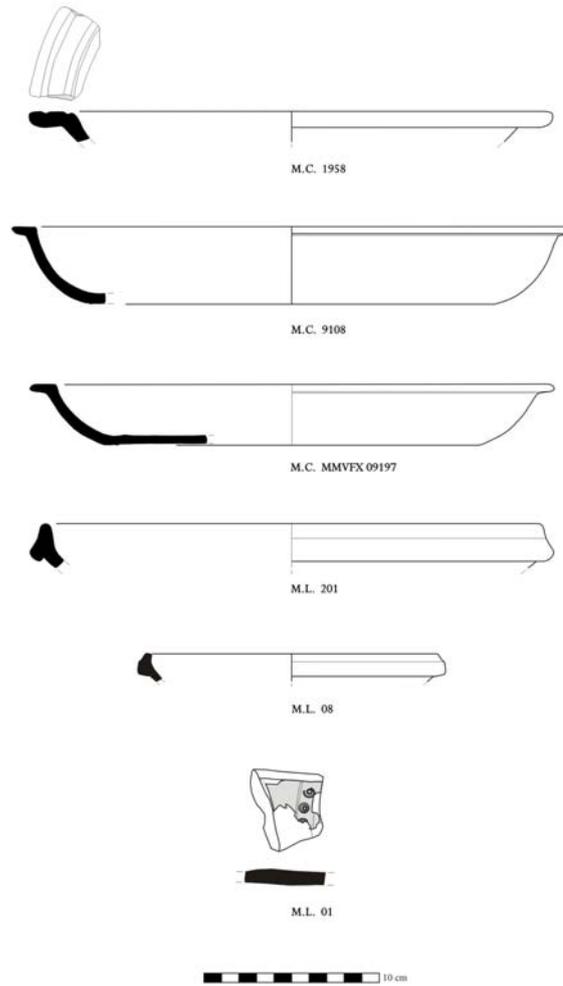
### 1.1. Sondagem 8

Ao contrário do que esperávamos à partida, esta zona, revelou-se bastante profícua com contextos e estruturas bem preservados. Ao iniciarmos os trabalhos de escavação, a área a intervir encontrava-se densamente ocupada por tojos e mato, o que se traduzia em uma situação impraticável para a realização dos trabalhos arqueológicos. Perante os objetivos a atingir, decidiu-se e acordou-se com os proprietários do terreno da Quinta da Marquesa, limpar uma ampla área bem delimitada no terreno. Uma vez concluída esta fase, efetuaram-se trabalhos de topografia para levantamento das curvas de nível da encosta e montou-se a quadrícula da área a intervir orientando-a ao norte geográfico.

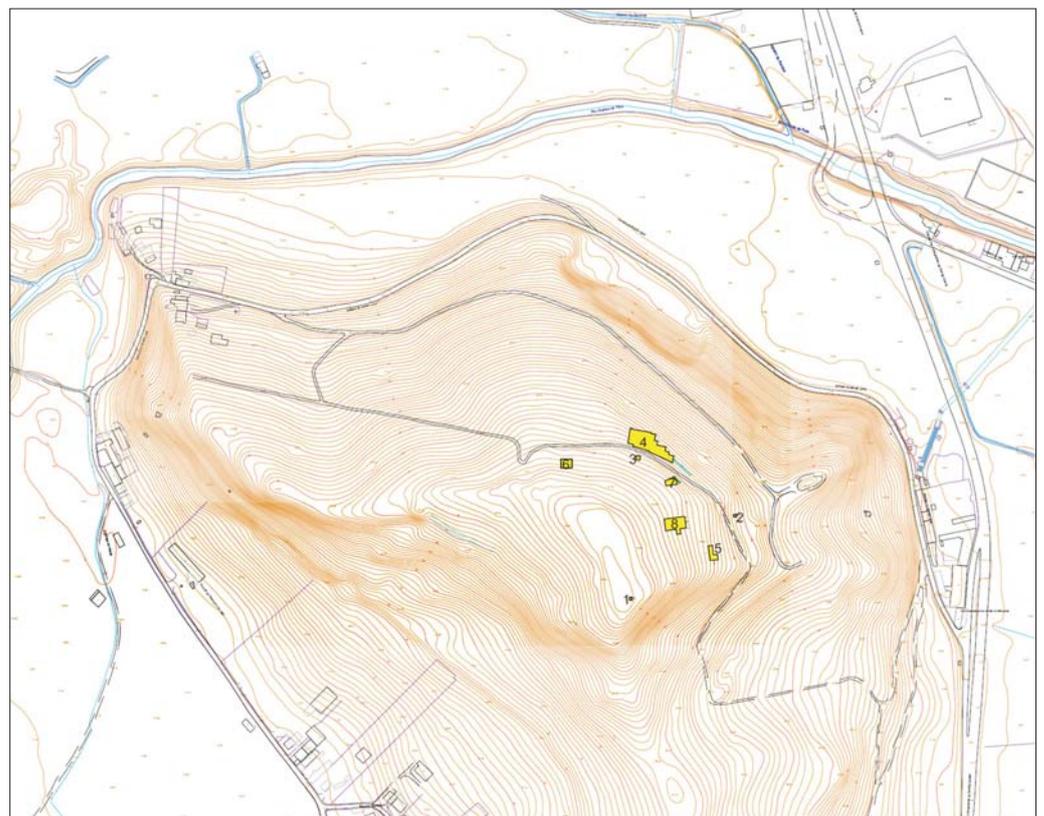
Ao iniciar-se os trabalhos de escavação, deparámo-nos ao remover os níveis do coberto vegetal, UE [0], com uma clara abundância de materiais romanos, em particular cerâmica

**Figura 2**

Fragmentos que atestam uma ocupação da antiguidade tardia no sopé de Monte dos Castelinhos, sítio de Ponte da Couraça: MC 1958 - Prato de *Terra Sigillata* Clara D do Tipo Hayes 58A; MC 9108 e MC MMVFX 09197 Prato de *Terra Sigillata* Clara D do Tipo Hayes 58B; MC 201 e MC 2 - fragmentos de taças de *Terra Sigillata Foceense* tardia da forma Hayes 3C e 3F/G. MC 01 - fragmento de fundo de prato de cerâmica cinzenta estampada dita "*Dérivée de Sigillé Paléochrétienne*" ou DSP.

**Figura 3**

Levantamento topográfico do Monte dos Castelinhos com a localização das áreas de Sondagens.



de construção e de cobertura (tégulas e ímbrices). Este nível composto, pela UE [64], caracterizava-se por um sedimento arenoargiloso de tom castanho-escuro, medianamente compacta, sendo composto por pedras de pequeno médio calibre, nódulos de argamassa branca, raízes e carvões. O espólio é abundante, constituído por fragmentos de cerâmica comum, bojós e bordos de ânforas, fragmentos de campaniense e de *terra Sigillata* de tipo Itálico, a par de alguns elementos mais recentes tais como cerâmica vidrada melada e alguns fragmentos de faiança dos séculos XVIII e XIX. Destaca-se neste nível a recolha de uma glande de chumbo.

O evoluir da escavação, permitiu verificar, que esta unidade corresponde a um estrato de progressivo abandono e erosão deste sector do povoado, bastante perturbado por trabalhos agrícolas.

A escavação deste nível revelou uma maior complexidade estratigráfica e estrutural. De facto, logo após a sua remoção começou-se a vislumbrar diversas estruturas pétreas correspondendo a diversos compartimentos e aparentemente a uma área de circulação (Ambiente 40) datados de época romana (ver figura 4 e 5). Do ponto de vista metodológico, achou-se pertinente registar em área os níveis de abandono e colapso destas estruturas, assim sendo tentou-se remover progressivamente os níveis de abandono deixando os níveis de derrube das estruturas. Estas leituras sincrónicas permitiram registar dois amplos interfaces que cortam este urbanismo de cariz regular, UE [356] e [367].

A UE [356], corresponde a vala de implantação de uma oliveira, que corta a estratigrafia e as estruturas de época romana (ver figura 4). Encontrava-se preenchido pela UE [354]. A escavação desta unidade revelou um espólio escasso e heterógeno. Surge material romano a par de fragmentos de faianças do século XIX e elementos metálicos tipo arame (figura 6).

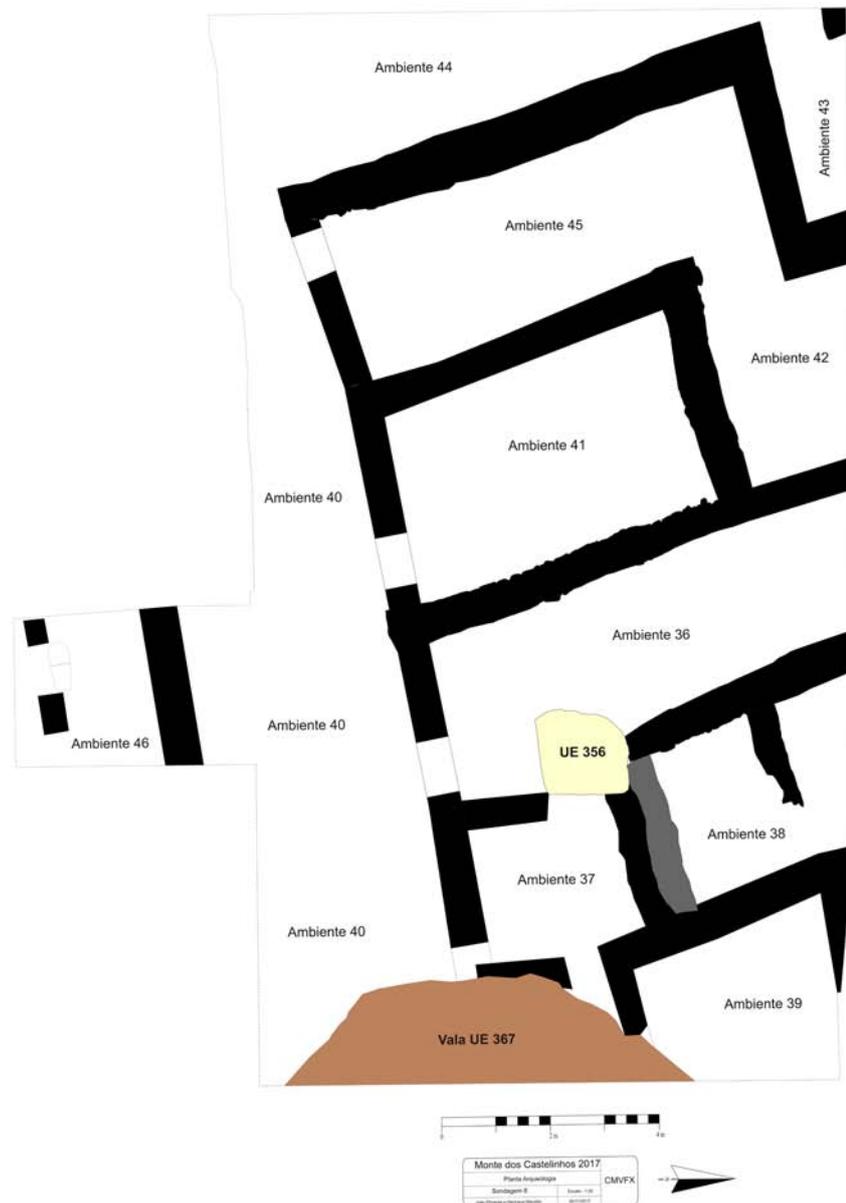
A UE [367], corresponde a uma ampla estrutura negativa que corta diversas estruturas e unidades pré-existentes, ver figura 4 e 8.

Ao iniciarmos a sua definição em plano, esta encontrava-se preenchida pela UE [368]. Correspondendo a uma camada arenosa de tom castanho-escuro, grão fino, medianamente solta. Composto por pedras de pequeno e médio calibre. A sua escavação revelou-se parca em espólio, surgindo apenas materiais de construção, como tégulas e ímbrices a par de alguns bojós de ânforas do vale do Guadalquivir, da bética costeira, assim como fragmentos de cerâmica comum. Não temos assim uma cronologia clara para a formação deste nível, que apenas podemos situar dentro do período romano. Esta unidade cobre três estruturas UE [389], [394] e [432], ver figura 7 e 8. Correspondendo, respetivamente ao alicerce de dois muros que deveriam fazer ângulo reto e à base em argamassa possivelmente de uma coluna ou pilar, ver figura 8. Não é claro de que tipo ou qual a funcionalidade deste espaço, visto que este se desenvolve para fora da área intervencionada. Contudo, verifica-se que este compartimento é construído no fundo desta ampla vala, diretamente sobre o substrato geológico, que aliás é utilizado como pavimento.

Associado a estas estruturas identificou-se a UE [393]. Trata-se de uma camada argilosa de tom castanho esverdeado muito homogénea, grão fino, medianamente compacta, composta por pedras de pequeno calibre, nódulos de argila. O espólio é escasso, destacando-se a recolha de um bordo de Lamboglia 5 em Campaniense B, uma imitação da mesma forma em cerâmica cinzenta e um fragmento de fundo de forma indeterminada de *terra sigillata* de tipo itálico. O conjunto de ânforas é assaz numeroso, composto por vinte e um fragmentos classificáveis, (8 NMI).

CATEGORIA	ORIGEM	TIPO	FRAGS	NMI	TOTAL NMI
Ânforas	Ulterior / Bética (Costa Ocidental)	Dressel 7-11	2	1	8
	Ulterior / Bética (V. Guadalquivir)	Dressel 20 Augustanas	8	3	
		Haltern 70	8	3	
		Urceus	3	1	

Tendo presente o conjunto de cerâmicas finas e de ânforas pode-se enquadrar com alguma segurança o espólio desta unidade em meados da primeira metade do século I d.C..



**Figura 4**  
Planta parcial da área de Sondagem 8, com a denominação dos diversos ambientes identificados. Assim como com os dois interfaces que cortam este urbanismo UE 356 e UE 367.



5

**Figura 5**  
Vista geral do início da intervenção na área de Sondagem 8.



6

**Figura 6**  
Estrutura negativa UE [356] e consequente destruição de estruturas no ambiente 36.

Uma vez escavados estes dois interfaces, iniciou-se a escavação por ambientes dos edificios colocados a descoberto. Estes foram numerados de forma sequencial de acordo com a ordem em que foram sendo definidos.

**O Ambiente 37** corresponde a um pequeno compartimento que se encontra seccionado pela vala UE [367], ver figura 4 e 8. Apresenta planta grosseiramente quadrangular, definido



**Figura 7**  
Estrutura negativa UE [367] e consequente destruição de estruturas no ambiente 36.

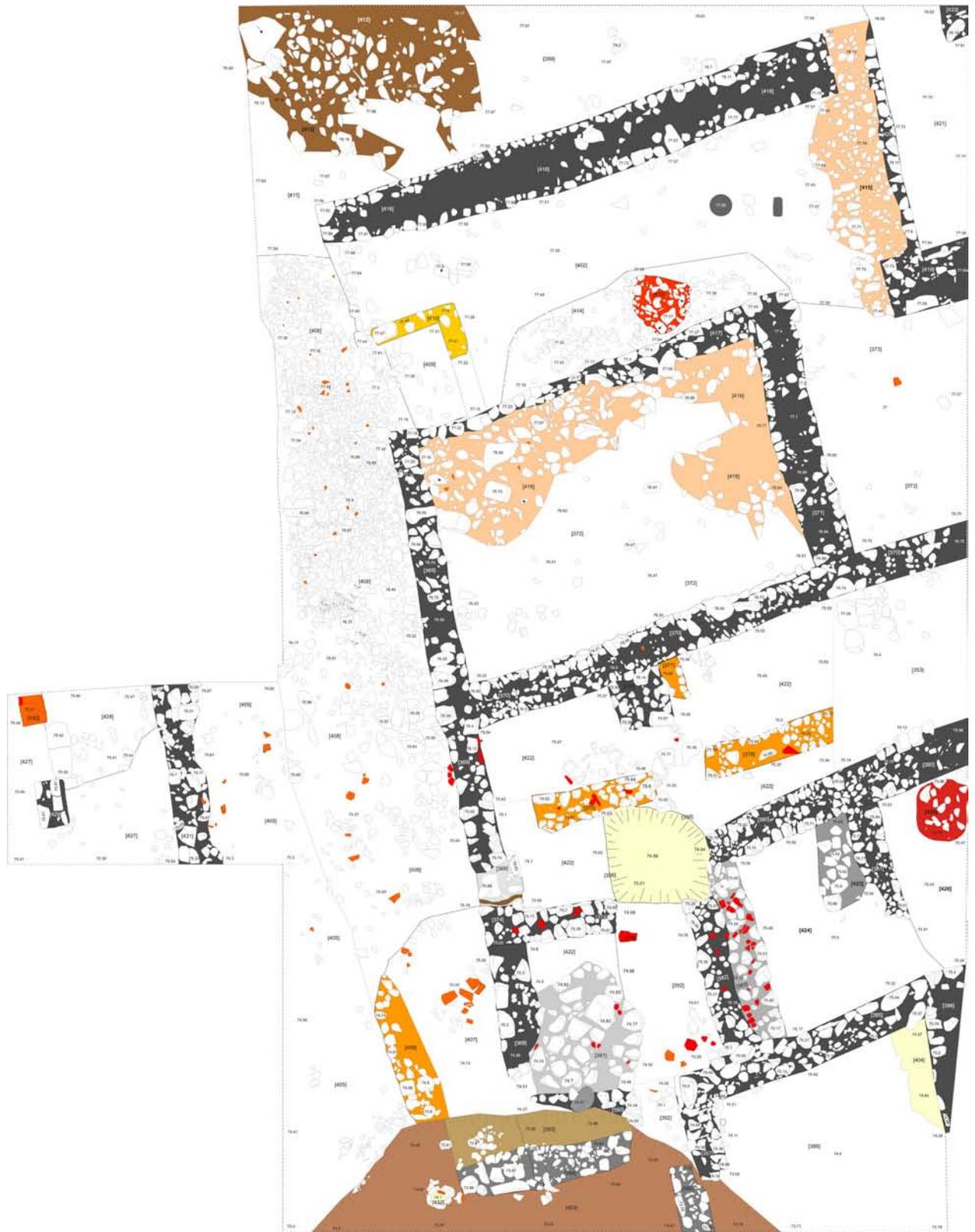


Figura 8  
Planta final da área de  
Sondagem 8.



Monte dos Castelinhos 2017		CMVFX
Planta Arqueológica		
Sondagem 8	Escala - 1:20	
Júlio Pinheiro e Henrique Moreira		3/05/2017



pela UE [369], UE [374], UE [382] e UE [390]. Evidencia 2,70 metros de comprimento por 2,50 metros de largura, correspondendo a 6,75 metros quadrados de área. Apesar do seu estado de preservação parece que este ambiente evidencia duas aberturas, comunicando quer com o Ambiente 36, quer com a área que não chegou até nós e que foi cortada pela vala UE [367].

Uma vez removido o nível UE [64], identificou-se no interior deste compartimento uma nova unidade a UE [355], que o preenchia de forma homogênea e que cobria o pavimento em lajes, UE [391]. Individualizou-se como uma camada areno argilosa de tom castanho claro. Grão fino, medianamente compacta. Composta por pedras de pequeno médio calibre, nódulos de carvão e grandes fragmentos de tégulas.

Nesta unidade recolheram-se cinco fragmentos de *terra tigillata* de tipo Itálico, nomeadamente três bojos e dois bocais, correspondendo estes a dois grandes pratos das formas 11 e 12 do *Conspectus* (Ettlinger, et al., 1990).

A nível das ânforas surgiram doze fragmentos, (5 NMI):

CATEGORIA	ORIGEM	TIPO	FRAGS	NMI	TOTAL NMI
Ânforas	Ulterior / Bética (Costa Ocidental)	Dressel 7-11	2	1	5
	Ulterior / Bética (V. Guadalquivir)	Dressel 20 Augustanas	2	1	
		Haltern 70	8	3	

A cerâmica comum está representada por diversos fragmentos de panelas fragmentados em conexão. Recolheu-se ainda um cochoiro.

A par do pavimento em lajes calcárias, UE [391], (ver figura 9), colocou-se a descoberto a unidade [392]. Correspondendo esta a uma camada argilosa de tom castanho esverdeado, grão fino, compacta, composta por pedras de pequeno calibre e nódulos de argila. Por uma questão de preservação do conjunto a descoberto, esta unidade não foi escavada.

**O Ambiente 38** evidencia planta retangular, sendo definido pelas paredes UE [382], UE [380], UE [385], não sendo claro qual o seu limite a Norte, ver figura 4 e 8. Apresenta na área preservada 4,40 metros de comprimento por 2,90 metros de largura, correspondendo a 12,76 metros quadrados de área, (figura 10).

**Figura 9**  
Vista geral do Ambiente 37.

**Figura 10**  
Vista geral do Ambiente 38.



Apesar de a sua escavação ainda não estar concluída, resulta evidente que este compartimento foi seccionado na última fase, sendo dividido ao meio pela parede UE [381], em dois compartimentos de menor dimensão. Parece corresponder a esta reformulação do espaço, o espessamento interno que o compartimento evidencia a Sul através da adição da parede UE [383].

Uma vez removido o nível de abandono UE [64], identificou-se no interior deste compartimento uma nova unidade a UE [361]. Nível que interpretamos como de derrube, essencialmente composto por blocos pétreos de média e grande dimensão a par de tégulas. Neste nível em que as cerâmicas finas estão ausentes, recolheu-se um pequeno conjunto de cinco fragmentos de ânforas (4 NMI), correspondendo respetivamente a dois bordos e uma asa de Haltern 70 do Guadalquivir; um colo com arranque de asa de Dressel 7/11 da Bética costeira e um bordo de Ovóide Lusitana. Entre a cerâmica comum, destaca-se um invulgar cantil em cerâmica comum, importado da província da Bética, fragmentado em conexão (ver figura 49, peça n.º 7294). Entre os metais sobressai a presença de uma glande de chumbo.

Sob este nível identificou-se a UE [362]. Camada areno argilosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta, composta por pedras de pequeno calibre, nódulos de argila, carvão e fragmentos de tégulas. O espólio é escasso encontrando-se igualmente ausentes as cerâmicas finas. As ânforas estão atestadas pela presença de quatro fragmentos classificáveis (3 NMI), correspondendo a dois bordos e uma asa de Haltern 70 do Guadalquivir, e um fragmento de ânfora de tipologia indeterminada da Bética costeira.

Esta unidade cobria o pavimento deste compartimento. Este chegou até nós em mau estado, sendo composto por lajes calcárias dispostas horizontalmente, UE [391], que só se encontravam bem preservadas junto ao muro, UE [381]. Do lado oposto registou-se uma área de combustão, UE [425], composta por uma estrutura circular em pedra.

Por uma questão de cronograma, não se concluiu a escavação deste compartimento. Tendo-se deixado por escavar as unidades onde esta realidade assentava e que parecem corresponder a uma fase prévia, UE [424] e [426].



Figura 11  
Vista geral do  
Ambiente 39.

**O Ambiente 39** corresponde a um amplo compartimento de forma quadrangular que se encontra em parte seccionado pela vala UE [367], ver figura 4 e 8. É definido pelas paredes UE [385], UE [386] e UE [387], desenvolvendo-se o seu limite a Este para fora da área intervencionada. No espaço preservado, apresenta 3,60 metros de comprimento por 3,20 metros de largura, correspondendo a 11,52 metros quadrados de área, (figura 11).

Ao remover-se o nível UE [64], verificou-se que neste compartimento esta unidade afetou a estratigrafia quase por completo até aos níveis de base geológico UE [388]. Apenas se preservou a estratigrafia junto às paredes UE [385] e [386]. Aí identificou-se um extenso e compacto derrube, UE [384]. Nível essencialmente constituído por blocos calcários de média e grande dimensão e tégulas. Derrube do muro UE [385]. A sua escavação foi parca em espólio. Destaca-se a recolha de uma fíbula em bronze do tipo Aucissa em excelente estado de conservação.

Este nível assenta diretamente sobre o pavimento UE [404]. Nível de argamassa branca em muito mau estado, que foi aplicado sobre o próprio substrato geológico, UE [388], que foi afeiçoado e regularizado para o efeito.

**O Ambiente 36** corresponde a um compartimento de forma retangular que se encontra em parte seccionado pela vala UE [356], ver figura 4 e 8. É definido pelas paredes UE [370], UE [369], UE [374] e UE [380]. Não é claro qual o seu limite para Norte, visto desenvolver-se para fora da área intervencionada. Apresenta dois vãos de comunicação. Um a Sul voltado à Rua Ambiente 40 e outro a Este para o Ambiente 37. No espaço preservado, apresenta 8,40 metros de comprimento por 2,60 metros de largura, correspondendo a 21,84 metros quadrados de área, (figura 12 e 13).

Ao remover-se o nível, UE [64], colocou-se a descoberto um extenso derrube que ocupa todo este Ambiente, a UE [353]. Corresponde a uma camada homogénea de matriz argiloarenosa de tom castanho, grão fino, medianamente compacta. Composta essencialmente por pedras de grande e médio calibre a par de grande quantidade de tégulas, parece corresponder ao colapso das paredes deste compartimento (ver figura 13).

O espólio é assaz abundante, sendo constituído essencialmente por cerâmica comum em que se destaca a presença de grandes contentores de armazenamento. As cerâmicas finas encontram-se atestadas pela presença de dez fragmentos de *terra sigillata* de tipo Itálico. Identificando-se estes como sete fragmentos de parede, dois bordos um da forma 18 e outro de um grande prato da forma 11 do *Conspectus* (Ettlinger, et al., 1990), e um fundo com marca. Este evidencia a marca NAEVIVS, gravada numa cartela quadrangular, com paralelos em OCK.1231, com um fabrico nas oficinas de Pisa/Lyon e uma datação entre 1 e 20 d.C. (Oxé, et al, 2000, p. 296).

O conjunto de ânforas identificado é numeroso, composto por trinta e nove fragmentos classificáveis (21 NMI):

CATEGORIA	ORIGEM	TIPO	FRAGS	NMI	TOTAL NMI
Ânforas	Ulterior / Bética (Costa Ocidental)	T-7.4.3.3.	1	1	21
		Dressel 7-11	12	7	
	Ulterior / Bética (V. Guadalquivir)	Ovóide 1	1	1	
		Ovóide 4	3	3	
		Oberaden 83	3	1	
		Haltern 70	11	4	
	Península itálica	Dressel 1	1	1	
	Tejo/Sado	Ovóide Lusitana	7	3	

Por último a nível dos metais destaca-se a recolha de uma fíbula em liga de cobre do tipo *Nauheim*.

Sobre esta unidade detetou-se uma nova estrutura, a UE [376], assim como o pavimento deste ambiente a, UE [357] e [395]. Começando pela estrutura UE [376], esta corresponde ao alicerce em alvenaria de um muro que definiria o espaço no interior deste compartimento. Em relação ao pavimento, tal como já vimos no Ambiente 37 e 38, também este espaço teve um pavimento pétreo, assumindo aqui a forma de calçada muito sólida constituída por grandes blocos calcários. Ainda que no extremo norte deste Ambiente o pavimento em calçada desapareça, mantendo-se apenas um piso em terra batida, UE [395].

Por uma questão de leitura estratigráfica decidimos desmontar este pavimento, quer para obter dados sobre a sua cronologia, quer para comprovar a existência de estruturas e estratigrafia de uma fase mais recuada e que pareciam estar a emergir. De facto, no próprio nível de pavimento de calçada, UE [357], parecia ver-se nitidamente a existência de uma parede anterior que afeiçoada foi utilizada no próprio pavimento.

Ao desmontar-se este pavimento, recolheu-se alguns materiais datantes, reutilizados na sua construção, nomeadamente um bocal e uma asa de ânfora Haltern 70 do vale do Guadalquivir.

Ao levantar-se o pavimento, comprovou-se a existência de pré-existências, tendo-se revelado uma ampla parede UE [375] e [376], com uma orientação Norte/Sul e uma outra que faz ângulo reto com esta, UE [377]. Estas estruturas assim como as unidades associadas a elas UE [358], [359] e [379], encontram-se afetadas pela construção das estruturas romanas que lhe sucedem sendo claramente de fases distintas.

Após a sua cuidada limpeza e raspagem, efetuou-se um registo destas novas realidades. Mais uma vez, tendo em conta a necessidade de se clarificar a cronologia decidimos escavar estas unidades.

A Oeste da parede UE [375] e [376], identificou-se a unidade UE [359]. Corresponde a um nível arenoargilosa de tom castanho-escuro. Grão fino, medianamente compacta. Composto por pedras de pequeno, médio calibre, fragmentos de lateres, tégulas, cerâmica comum. As cerâmicas finas encontram-se atestadas pela presença de cerâmica de verniz negro do tipo Campaniense B Calena, e *terra sigillata* de tipo Itálico. Entre esta individualizaram-se três fragmentos: uma parede e dois bordos um da forma 7 e outro de um grande prato da forma 12 do Conspectus (Ettlinger, et al., 1990). A nível das ânforas recolheram-se apenas três fragmentos classificáveis, correspondendo a um bocal e duas asas de Haltern 70 do Guadalquivir.

A nível dos metais destaca-se a presença de dois fragmentos de fíbula, uma em ómega e outra de mais problemática classificação.

A Este da parede UE [375] e [376], identificaram-se as unidades UE [358] e [379]. A primeira evidencia sedimento argiloarenosa de tom castanho, grão fino, medianamente compacta. Nível muito homogéneo, composto por pedras de pequeno calibre, cerâmica comum e raízes. Destaca-se a presença de dois fragmentos de bocais de ânfora Haltern 70 do Guadalquivir, e duas imitações de *terra sigillata* de tipo Itálico em cerâmica cinzenta respetivamente da forma 10.1.11 e da forma 14 do Conspectus (Ettlinger, et al., 1990). A UE [379], corresponde a uma camada areno argilosa de tom castanho avermelhado, grão fino, medianamente compacta, composta por pedras de pequeno médio calibre, grandes fragmentos de tégulas e nódulos de carvão. O espólio é escasso, tendo-se identificado um bocal de ânfora Haltern 70, e um fundo de ânfora ovoide Lusitana, a par de fragmentos de cerâmica Campaniense B Calena. Ambas as unidades assentam sobre o nível geológico UE [422].

**Figura 12**  
Vista do final da  
escavação do  
Ambiente 36.

**Figura 13**  
Pormenor do derrube  
pétreo UE [353], que  
cobria o Ambiente 36.

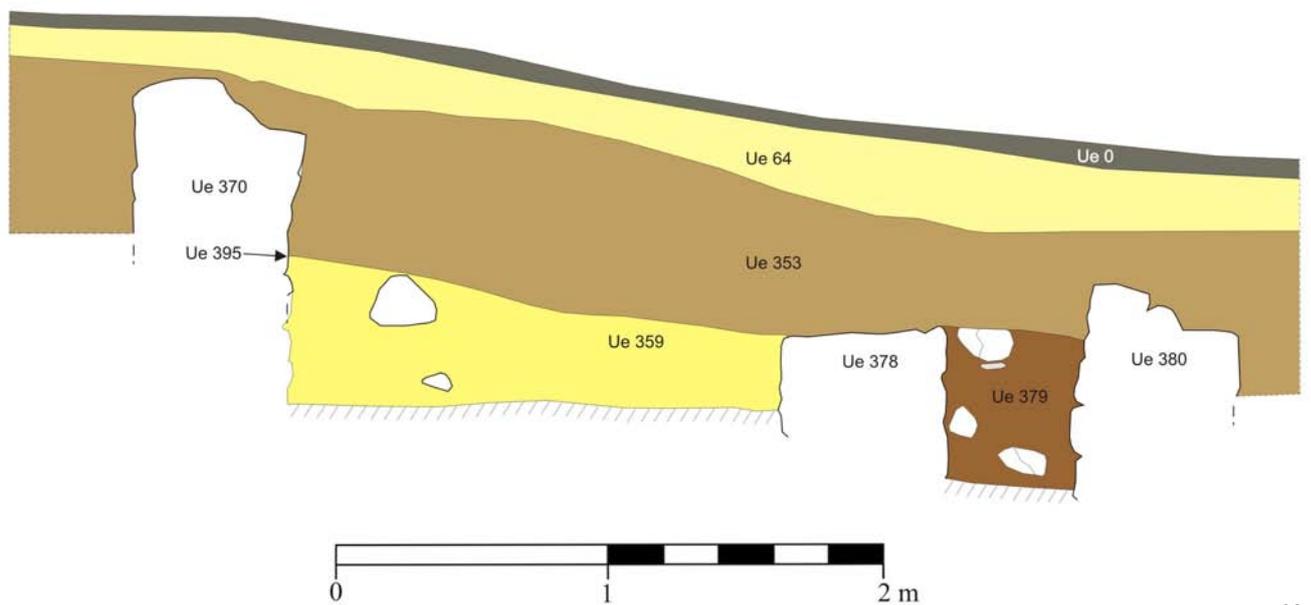
**Figura 14**  
Perfil Norte Ambiente  
36 Sondagem 8.



12



13



14

**O Ambiente 41** destaca-se pela sua dimensão entre o conjunto arquitetónico colocado até ao momento a descoberto. Este espaço de planta retangular encontra-se definido pelas paredes UE [370], UE [369], UE [417] e UE [371], ver figura 4 e 8. Apresenta um vão de comunicação virada à rua Ambiente 40. Mede 5,70 metros de comprimento por 2,90 metros de largura, correspondendo a 16,53 metros quadrados de área, (ver figura 15).

Ao escavar-se o nível, UE [64], detetou-se um extenso nível de derrube/colapso que ocupa todo este Ambiente, a UE [372] e [416]. Por uma questão de cronograma não foi possível a conclusão da escavação destas unidades. Procedeu-se apenas á remoção parcial da UE [372], tendo-se verificado que esta cobre parcialmente o derrube pétreo UE [416].

A UE [372], evidencia um sedimento arenoso de tom castanho, grão médio/fino, medianamente compacta, composta por pedras de grande e médio calibre a par de grande quantidade de tégulas. O espólio é assaz abundante, sendo constituído essencialmente por fragmentos de cerâmica comum e de construção. As cerâmicas finas encontram-se bem atestadas, tendo-se recolhido setenta e cinco fragmentos de *terra sigillata*. Sessenta e cinco elementos de tipo Itálico e dez elementos de *terra sigillata* SudGálica.

CATEGORIA	ORIGEM	TIPO	FRAGS	NMI	TOTAL NMI
<i>Terra sigillata</i>	TSI	Conspectus 7	2	2	25
		Conspectus 8	2	2	
		Conspectus 12	2	2	
		Conspectus 18	4	4	
		Conspectus 22	11	11	
		Conspectus 23	2	2	
		Conspectus 32	1	1	
		Indeterminados Lisos	40		
		Marcas	1	1	
	TSSG	Drag 15/17	2	2	5
		Drag 18/31	2	2	
		Drag. 27	1	1	
		Indeterminados	5		

As ânforas estão igualmente bem representadas por quarenta e cinco fragmentos classificáveis (28 NMI):

CATEGORIA	ORIGEM	TIPO	FRAGS	NMI	TOTAL NMI
Ânforas	Ulterior / Bética (Costa Ocidental)	T-7.4.3.3.	1	1	28
		Dressel 7-11	5	5	
	Ulterior / Bética (V. Guadalquivir)	Ovóide 4	1	1	
		Ovóide 6	2	2	
		Oberaden 83	6	6	
		Dressel 20 Augustana	4	2	
		Haltern 70	19	7	
	Mediterrâneo Oriental	Ródia	1	1	
	Tejo/Sado	Ovoide Lusitana	7	3	



**Figura 15**  
Vista aérea do  
Ambiente 41.

Entre os metais destaca-se a recolha de três numismas em bronze, contudo de momento não é possível a sua classificação pois encontram-se em fase de tratamento laboratorial.

Esta unidade como referimos, cobre o derrube UE [416]. Sendo este essencialmente composto por blocos pétreos de média e grande dimensão, correspondendo ao derrube das paredes deste compartimento. Este nível ficou por escavar por questões de cronograma da intervenção.

**O Ambiente 42** encontra-se definido pelas paredes UE [371], UE [370] e UE [419], desenvolvendo-se para fora da área intervencionada ver figura 4, 8, 16 e 17. Apresenta um vão de comunicação virada ao Ambiente 45. Mede 2,80 metros de comprimento por 2,90 metros de largura, correspondendo a 8,12 metros quadrados de área.

Este ambiente encontra-se ainda por escavar. Tendo-se apenas colocado a descoberto e raspado a UE [373], que cobre de forma homogênea esta área. Trata-se de uma camada arenoargilosa de tom castanho, grão fino, medianamente compacta. Composta por pedras de pequeno e médio calibre. Apesar de não estar concluída a escavação, o espólio é abundante, sendo constituído por fragmentos de ânforas Lusitanas quebrados em conexão e ânforas do vale do Guadalquivir (dois fragmentos de bocal de Haltern 70). As cerâmicas finas encontram-se atestadas pela presença de doze fragmentos de *terra sigillata* de tipo Itálico: tendo sido apenas possível a classificação formal de um exemplar, um bocal da forma 22 do *Conspectus* (Ettlinger, et al., 1990); sendo os restantes paredes e fundos. Destaca-se a presença de dois fragmentos de fundo com marca.

**O Ambiente 43** foi apenas vislumbrado na presente campanha, tendo sido identificado no extremo noroeste da área intervencionada, ver figura 4 e 8. É composto pelas paredes UE [419], UE [420] e UE [419], desenvolvendo-se para fora da área intervencionada. Apresenta um vão de comunicação virada ao Ambiente 44. Mede 1,50 metros de comprimento por 3,10 metros de largura, correspondendo a 4,65 metros quadrados de área, (ver figura 18).

Ao remover-se o nível, UE [64], colocou-se a descoberto um nível que ocupa todo este Ambiente, a UE [397]. Esta unidade evidencia um sedimento arenoso de tom castanho acin-



16



17

zentado ou mesmo cinzento, grão fino, medianamente compacta, composta essencialmente por cinzas e carvões, pedras de pequeno e médio calibre e raízes. O espólio é escasso, surgindo apenas diversos fragmentos com colagem de uma tampa em cerâmica comum. Sobre o pavimento, composto por margas intencionalmente compactadas, UE [421].

O Ambiente 45 é definido pelas paredes UE [417], UE [420] e UE [418], ver figura 4 e 8. Apresenta dois vãos de comunicação, um voltado à rua Ambiente 40 e outro ligando com o Ambiente 42. Mede 8,60 metros de comprimento por 2,70 metros de largura, correspondendo a 23,22 metros quadrados de área, (ver figura 19 a 22).

Ao remover-se o nível, UE [64], detetou-se um extenso nível de derrube/colapso que ocupa todo este Ambiente, a UE [414], [415]. Por uma questão de cronograma não foi possível a conclusão da escavação destas unidades. Procedeu-se apenas à remoção parcial da UE [414], tendo-se verificado que esta cobre parcialmente o nível UE [402].

Esta nova unidade caracteriza-se por um sedimento argiloarenosa de tom castanho, grão médio/fino, medianamente compacta, composta por nódulos de argila amarela, pedras de pequeno calibre e raízes, abundantes fragmentos de tégulas, cerâmica e ânforas. Apesar de ainda não totalmente escavada, destaca-se a presença de *terra sigillata* de tipo Itálico num total de trinta e dois fragmentos.

Figura 16  
Trabalhos de escavação no Ambiente 42.

Figura 17  
Pormenor de mó em granito reutilizada no muro ambiente 42.

CATEGORIA	ORIGEM	TIPO	FRAGS	NMI	TOTAL NMI
<i>Terra sigillata</i>	TSI	Conspectus 11	1	1	14
		Conspectus 12	1	1	
		Conspectus 13	1	1	
		Conspectus 14	1	1	
		Conspectus 15	2	2	
		Conspectus 19	1	1	
		Conspectus 22	6	6	
		Indeterminados Lisos	18		
		Marcas	1	1	



**Figura 18**  
Ambiente 43.

As ânforas encontram-se presentes, tendo sido possível classificar nove fragmentos (5 NMI): Um bordo e duas asas de Oberaden 83 e quatro bocais, duas asas e um fundo de Haltern 70.

Por último sobressai entre o espólio recolhido nesta unidade a recolha de duas mós em granito, ver pormenor da sua localização nos níveis de abandono deste ambiente na planta representada na figura 8.

Junto á área de entrada virada à rua, Ambiente 40, detetou-se sob o nível de abandono UE [64], uma estrutura em argamassa, UE [410], ver figura 4 e 8. Esta construção, apesar de ainda não estar completamente definida em planta parece corresponder a um pequeno

tanque que ladearia a entrada neste compartimento. O seu interior encontra-se preenchido pela, UE [409], unidade que ficou por escavar para uma próxima campanha.

Aproximadamente a meio do compartimento, e encostado à sua parede Este, identificou-se uma estrutura em pedra de formato circular, UE [413]. Corresponde a uma área de empedrado de uma zona de combustão.

**O Ambiente 44** corresponde na nossa interpretação a uma área exterior ao conjunto edificado, possivelmente uma rua, é definido pela parede UE [418], ver figura 4 e 8. Apresenta comunicação com a área de rua que definimos como Ambiente 40. Do interior da área edificada comunica-se para este ambiente através de um vão de porta com o Ambiente 43, figura 23.

Ao levantar-se o nível, UE [64], detetou-se uma maior complexidade estratigráfica neste espaço (ver figura 27). Detetou-se a UE [398], correspondendo a uma camada argiloarenosa de

**Figura 19**  
Trabalhos de escavação no ambiente 45.



**Figura 20**  
Pormenor dos trabalhos de escavação no ambiente 45 e da descoberta de uma mó de granito.

**Figura 21**  
Estrutura em argamassa, UE [410], possível área de tanque.



20



21



**Figura 22**  
Vista geral do final dos trabalhos no ambiente 45.

tom castanho-escuro, grão fino, medianamente compacta, constituída por carvões, nódulos de argila vermelha rubefacta e raízes. O espólio é abundante, sendo constituído por fragmentos de ânforas lusitanas quebrados em conexão, ânforas do vale do Guadalquivir, um almofariz bético, cinco fragmentos de *terra sigillata* de tipo Itálico e uma Lucerna, figura 24 a 26.

Esta unidade cobria a UE [397] e a UE [399]. A UE [397], corresponde a uma camada que se estende igualmente ao Ambiente 43, de sedimento arenoso de tom castanho acinzentado ou mesmo cinzento, grão fino, medianamente compacta, constituída essencialmente por cinzas e carvões, pedras de pequeno e médio calibre e raízes. O espólio é assaz escasso. Parcialmente sob esta unidade detetou-se a UE [399]. Esta evidencia um sedimento argiloarenoso de tom castanho claro, grão fino, medianamente compacta. Composta por nódulos de argila amarela, pedras de pequeno calibre e raízes. Camada muito homogénea e parca em espólio cerâmico. Poderá corresponder a um possível derrube de adobes. Surgiu um fragmento de bordo de ânfora Haltern 70, três opérculos de ânfora de produção Lusitana e três fragmentos inclassificáveis de *Terra Sigillata* de tipo Itálico.

Esta unidade cobre um compacto nível de derrube pétreo UE [412], que parece corresponder ao colapso de uma estrutura que deverá existir para fora da área de escavação. Este nível ficou por escavar aguardando futura campanha, figura 23.

**O Ambiente 40** corresponde a uma área exterior, que interpretamos como uma rua, com 3,80 metros de largura, sendo definida pela parede UE [369], que corresponde à fachada de um amplo edifício com três portas que comunicam com este espaço e pela parede UE [431], que parece delimitar uma distinta edificação, do qual apenas ainda se vislumbra o espaço que designámos como Ambiente 46, ver figura 4 e 8.

Nesta área a sequência estratigráfica encontrava-se particularmente bem preservada, tendo-se logo identificado após a remoção do nível de superfície UE [0], um nível de ocupação preservado composto pela estrutura UE [364] e pela UE [360].



23

**Figura 23**

Vista geral do final dos trabalhos no ambiente 44.



24

**Figura 24**

Fragmento de almotariz identificado na UE [398].



26

**Figura 25**

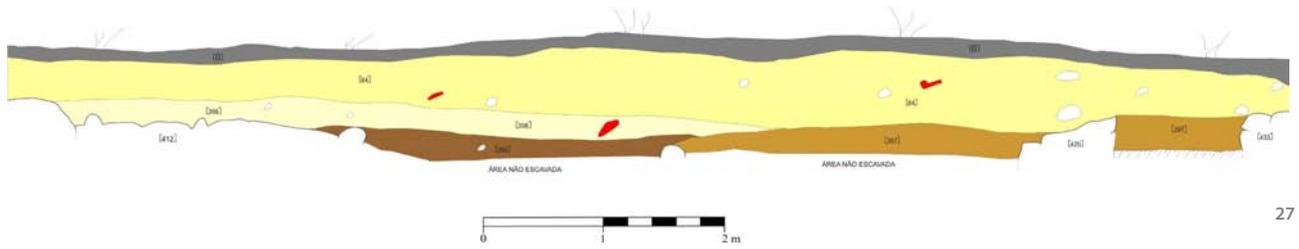
Bocal de ânfora Haltern 70 identificado na UE [398].

**Figura 26**

Testo de ânfora identificado na UE [398].



25



27



28

**Figura 27**  
Perfil Oeste Ambiente  
44 Sondagem 8.

**Figura 28**  
Estrutura de  
combustão UE [364],  
identificado sobre  
o abandono da rua  
Ambiente 40.

A UE [364] corresponde a um nível essencialmente composto por argilas alaranjadas denotando evidências de fogo, sedimento de grão fino, compacta, composta por pedras de médio e grande calibre. Apresenta uma ampla dispersão de fragmentos de escória e ferro. A sua escavação apenas evidenciou alguns fragmentos de cerâmica comum. Parece corresponder a uma estrutura de combustão que encostava à parede de fachada UE [369], e que assenta sobre os níveis de abandono da rua, ver figura 28.

Sob esta estrutura individualizou-se a camada UE [360]. Trata-se de um extenso e homogêneo nível de sedimento arenoargilosa de tom castanho-escuro, grão médio, medianamente compacta, composto por pedras de pequeno, médio calibre, nódulos de argila amarela, ossos e raízes. Encosta à estrutura UE [369]. O espólio é assaz abundante, composto por escória de ferro, tégulas, pesos de tear, cerâmica comum de armazenamento, a par de ânforas. Destaca-se a presença de *terra sigillata* de tipo Itálico num total de cento e setenta e nove fragmentos, que surge a par de alguma *terra sigillata* Sudgálica, composta esta por onze fragmentos.

CATEGORIA	ORIGEM	TIPO	FRAGS	NMI	TOTAL NMI
<i>Terra sigillata</i>	TSI	Conspectus 4	2	2	22
		Conspectus 12	1	1	
		Conspectus 14	1	1	
		Conspectus 18	7	7	
		Conspectus 19	1	1	
		Conspectus 20	2	2	
		Conspectus 22	7	7	
		Conspectus R10	20	1	
		Indeterminados Lisos	128	0	
		Marcas	10	0	
	TSSG	Ritt 9	1	1	8
		Drag 15/17	3	3	
		Drag 18/31	2	2	
		Drag 27	2	1	
Drag 33		1	1		
Indeterminados		2	0		
Marcas		0	0		

Entre as produções Itálicas, o oleiro melhor atestado é Cneus Ateius com dois vasos, um com paralelo com a marca ATEIVS - OCK. 269 – Pisa, com uma datação entre 5 a.C. e 25 d.C., (Oxé, et al, 2000, p. 121) e outra com paralelo em OCK. 270, com produção em Arezzo, Pisa e em Lyon e com uma datação entre 15 a.C. e 30 d.C., (Oxé, et al, 2000, p. 269). Destaca-se ainda o prato MC 5460, identificado sobre o pavimento da rua, ver figura 32, com a marca C. MURRIVS FELIX *In planta pedis*, com registo idêntico em OCK. 1206 (1) - (Oxé, et al, 2000, p. 290). O início da sua produção encontra-se atestada em Arezzo, com uma datação cerca de 30 d.C. (Sangriso, 2013, p. 207).

O conjunto de ânforas é composto por catorze fragmentos de ânforas classificáveis (6 NMI):

CATEGORIA	ORIGEM	TIPO	FRAGS	NMI	TOTAL NMI
Ânforas	Ulterior / Bética (Costa Ocidental)	Dressel 7-11	2	1	6
	Ulterior / Bética (V. Guadalquivir)	Dressel 20 Augustana	7	3	
		Halter 70	4	1	
	Tejo/Sado	Ovóide Lusitana	2	1	

Após remover esta unidade deparou-se com uma nova realidade. Esta é composta por um derrube pétreo UE [365], e pelo nível UE [366] que interpretamos como de abandono.

A UE [365], corresponde ao nível de derrube da parede UE [369], essencialmente composto por pedras de pequeno médio e grande calibre. A sua escavação revelou um espólio cerâmico abundante: fragmentos de ânforas, cerâmica comum, *terra sigillata* Itálica, cerâmica

campaniense e tégulas. Encosta à estrutura UE [369]. Assenta sobre a UE [366] e sobre o nível de pavimento UE [408].

Destaca-se a presença de *terra sigillata* de tipo Itálico num total de cento e vinte e oito fragmentos, que surge a par de alguma *terra sigillata* Sudgálica, composta esta por vinte e um fragmentos.

CATEGORIA	ORIGEM	TIPO	FRAGS	NMI	TOTAL NMI
Terra sigillata	TSI	Conspectus 14	5	5	24
		Conspectus 18	5	5	
		Conspectus 19	1	1	
		Conspectus 20	2	2	
		Conspectus 22	8	8	
		Conspectus 27	1	1	
		Conspectus 31	1	1	
		Conspectus 32	1	1	
		Indeterminados Lisos	102	0	
		Marcas	2	0	
	TSSG	Drag 15/17	2	1	6
		Drag 18/31	2	2	
		Drag 27	2	2	
		Drag 30	1	1	
Indeterminados		9	0		
Marcas		0	0		

O conjunto de ânforas é composto por noventa fragmentos de ânforas classificáveis (34 NMI):

CATEGORIA	ORIGEM	TIPO	FRAGS	NMI	TOTAL NMI
Ânforas	Ulterior / Bética (Costa Ocidental)	Dressel 7-11	12	5	34
		Ovóide 1	2	1	
	Ulterior / Bética (V. Guadalquivir)	Ovóide 4	2	1	
		Oberaden 83	3	3	
		Dressel 20 Augustana	20	7	
		Haltern 70	33	10	
		Urceus	3	1	
	Mediterrâneo Oriental	Ródia	1	1	
	Tejo/Sado	Ibero-púnica	2	1	
		Ovóide Lusitana	12	4	

A UE [366], é uma camada arenosa de tom castanho acinzentado, grão fino, medianamente compacta, composta por pedras de pequeno médio e grande calibre. A sua escavação

revelou um espólio cerâmico abundante: Encosta à estrutura UE [369], assenta sobre o nível de pavimento UE [408], sendo cortada pela vala UE [367].

Destaca-se a presença de *terra sigillata* Itálica, num total de vinte e três fragmentos, que surge a par de dois elementos de *terra sigillata* Sudgálica.

CATEGORIA	ORIGEM	TIPO	FRAGS	NMI	TOTAL NMI
<i>Terra sigillata</i>	TSI	Conspectus 22	2	1	3
		Indeterminados Lisos	19	0	
		Marcas	2	2	
	TSSG	Drag 27	1	1	1
		Indeterminados	1	0	
		Marcas	0	0	

O conjunto de ânforas é composto por trinta e três fragmentos de ânforas classificáveis (16 NMI):

CATEGORIA	ORIGEM	TIPO	FRAGS	NMI	TOTAL NMI
Ânforas	Península itálica	Dressel 1	1	1	16
	Ulterior / Bética (Costa Ocidental)	Dressel 7-11	2	2	
		Oberaden 83	8	5	
	Ulterior / Bética (V. Guadalquivir)	Haltern 70	9	4	
		Tejo/Sado	Ovóide Lusitana	12	

Por último merece uma ressalva um numisma identificado nesta unidade, diretamente sobre o pavimento da rua, UE [408], ver figura 33. Trata-se de um numisma em bronze do Imperador Augusto com a *Caetra* – RPC 1-4. Cunhada no Noroeste Peninsular durante as Guerras Cântabras datada de cerca de 19 a.C. (Ripollès, et al, 2015).

O pavimento desta rua, UE [408], é construído em calçada seguindo esta o declive do próprio encosta, ver figura 32. Composta por lajes e blocos calcários e de arenito de pequena, média e grande dimensão unidos por um sedimento argiloso, evidenciando significativa robustez.

Na área mais a Oeste deste ambiente o pavimento UE [408], encontra-se ausente, tendo-se identificado sob o nível UE [366], uma ocupação pretérita. Esta é constituída pela parede UE [406], e pelas UE [405] e UE [407], contudo por questões de cronograma não foi ainda possível concluir a sua escavação. Contudo, resulta evidente que esta estrutura e respetivas unidades parecem corresponder em continuidade estrutural com as paredes UE [375], [377] e UE [378], identificadas na escavação em profundidade do Ambiente 36.

**O Ambiente 46** corresponde ao interior de outra área edificada da qual apenas é perceptível uma pequena área pouco esclarecedora, ver figura 4 e 8. É definido pela parede UE [431], que parece delimitar a fachada deste edifício e por dois pilares, UE [429] e [430], que parecem delimitar uma área de entrada, ver figura 35 e 36.

A sequência estratigráfica identificada é similar à registada no Ambiente 40. Contudo, sob a UE [366], que cobre toda esta área, identificou-se uma maior complexidade nas relações entre as distintas unidades no interior deste Ambiente, ver figura 37.



29



30

**Figura 29**  
Pormenor do  
pavimento  
empedrado da rua  
Ambiente 40.

**Figura 30**  
Vista geral do  
pavimento da rua  
Ambiente 40.



**Figura 31**  
Perspetiva aérea do  
Ambiente 40 e dos  
compartimentos  
limitrofes.



A primeira unidade registada e levantada foi a UE [401], trata-se de uma camada arenosa de tom castanho-escuro, grão médio fino, medianamente compacto, composta por abundantes pedras de pequeno calibre e raízes. Esta unidade corta a UE [400] e encosta na estrutura pétrea UE [429]. Destaca-se a presença de *terra sigillata* de tipo Itálico num total de cinquenta fragmentos.

CATEGORIA	ORIGEM	TIPO	FRAGS	NMI	TOTAL NMI
<i>Terra sigillata</i>	TSI	Conspectus 4	1	1	13
		Conspectus 7	2	2	
		Conspectus 18	3	3	
		Conspectus 20	3	1	
		Conspectus 21	1	1	
		Conspectus 22	5	5	
		Conspectus 31	1	1	
		Indeterminados Lisos	34	0	
Marcas	0	0			

As ânforas encontram-se representadas por vinte e seis fragmentos classificáveis (14 NMI):

CATEGORIA	ORIGEM	TIPO	FRAGS	NMI	TOTAL NMI
Ânforas	Península itálica	Dressel 1	1	1	14
	Ulterior / Bética (Costa Ocidental)	Dressel 7-11	3	1	
	Ulterior / Bética (V. Guadalquivir)	Ovóide 4	1	1	
		Ovóide 5	1	1	
		Oberaden 83	7	5	
	Haltern 70	9	4		
Tejo/Sado	Ovóide Lusitana	4	1		

Seguiu-se a UE [400], que se distinguia por ser assaz homogénea e evidenciar um sedimento argiloarenoso de tom castanho esverdeado, grão fino, medianamente compacta. Composta por pedras de pequeno calibre e raízes. Destaca-se a presença de *terra sigillata* de tipo Itálico num total de cinco fragmentos.

Entre as produções de tipo itálico encontramos, dois bocais: um da forma 7 e um da forma 22 do Conspectus (Ettlinger, et al., 1990) a par de três fragmentos de parede.

Entre o espólio destacam-se os bordos de ânfora, nomeadamente um bocal da forma Haltern 70 e outro de uma ânfora da forma Dressel 7/11.

Uma vez removido esta extensa unidade, verificou-se que ela assentava parcialmente sob o pavimento deste ambiente em calçada, UE [429], e sobre laje de soleira existente entre as estruturas que interpretamos como pilar UE [429] e [430], assim como sobre uma nova unidade a UE [427]. Esta caracteriza-se por uma camada arenosa de tom castanho acinzentado. Grão médio fino, compacto, constituída por abundantes pedras de pequeno calibre e cerâmica de construção. Assenta sobre o pavimento, UE [428].

A par desta sequência estratigráfica, junto ao corte Oeste deste Ambiente registaram-se duas unidades que se desenvolvem para fora da área intervencionada, ver perfil estratigráfico representado na figura 9. Correspondem a duas pequenas unidades estratigráficas relacionadas com uma área de combustão, UE [434] e [435].

Por uma questão de cronograma não foi ainda possível concluir a escavação desta área.



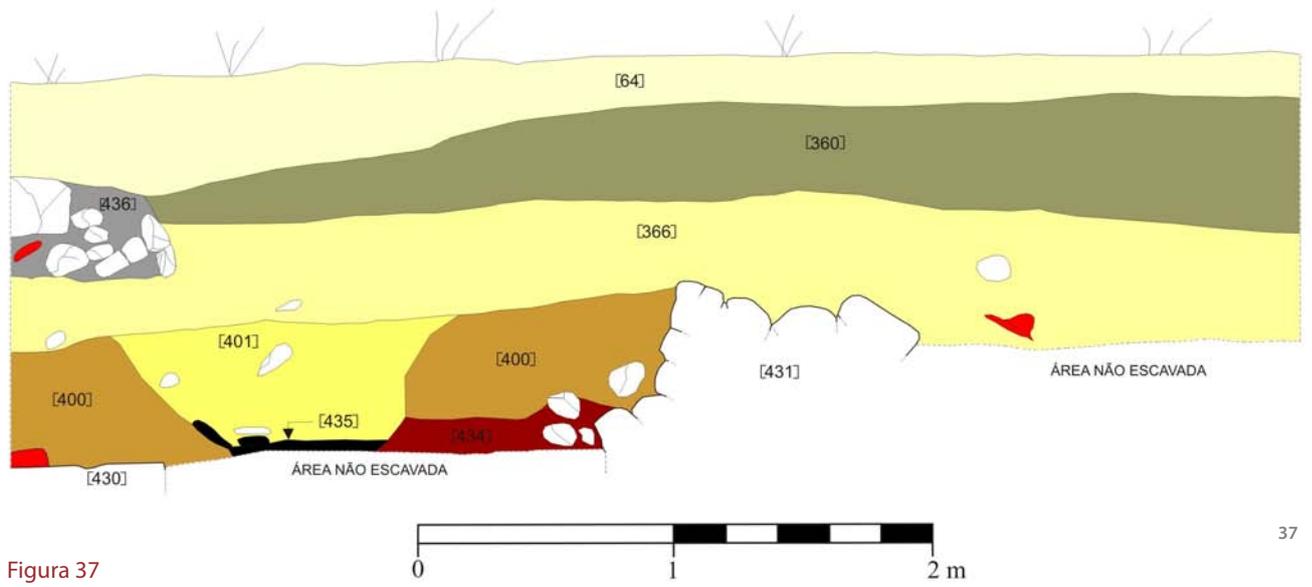
35



**Figura 35**  
Perspetiva do final dos trabalhos de 2017 no Ambiente 46.

**Figura 36**  
Pormenor de laje de soleira identificado no Ambiente 46.

36



37

Figura 37  
 Perfil Oeste Ambiente  
 46 Sondagem 8.



38

Figura 38  
 Vista aérea da  
 escavação da  
 Sondagem 8.



**Figura 39**  
Outra perspetiva aérea do decorrer  
dos trabalhos de escavação da  
Sondagem 8, em 2017.

## 5. Proposta de Faseamento

Apesar das dez campanhas de escavação arqueológica já efetuadas no Monte dos Castelinhos, sempre tivemos bem presente que leituras contundentes e de cariz perentório, num sítio desta dimensão seriam sempre algo precárias. Daí ter-se sempre mantido em aberto algumas hipóteses, nomeadamente a da sua continuidade após o período republicano (Pimenta, 2015).

Como referimos na introdução, um dos objetivos da abertura desta nova área de escavação era indagar as fases mais recentes de ocupação do sítio, nomeadamente a presumível ocupação alto-Imperial. Nesta fase dos trabalhos e ainda que a escavação não esteja concluída temos que admitir que os resultados alcançados excederam as nossas melhores previsões. Não só se detetou níveis preservados, bem datados já dos inícios do Império como estes se encontram associados a um urbanismo distinto do exumado nas Sondagem 4 e 5.

Temos assim na Sondagem 8, associações estratigráficas e estruturais que permitem distinguir três fases de ocupação:

**I Fase** – Nas zonas, em que foi possível até ao momento escavar em profundidade, identificou-se vestígios de muros e unidades estratigráficas que atestam a existência de uma fase de ocupação que assenta diretamente sobre os níveis geológicos, ver figura 40 e 41.

De momento não é segura a cronologia da sua construção. Os níveis que podemos associar a elas apenas nos permitem aferir a data da sua destruição e desmonte propositado. A presença nos níveis associados a estas estruturas de fragmentos de *terra sigillata* de tipo Itálico das formas 7 e 12 do *Conspectus* e de imitações de *terra sigillata* em cerâmica cinzenta respetivamente das formas 10.1.1. e 12-13 do *Conspectus* (Ettlinger, et al., 1990), a par de algumas imitações de cerâmicas campanienses em pasta cinzenta, destacando-se o fundo de taça possivelmente da forma Lamboglia 28 com decoração impressa em “losango”, típica da fase tardia de produção dos ateliers calenos (Pimenta, Sorria e Mendes, 2014; Soria, 2015), permite-nos propor uma cronologia Augustana para esse momento (ver figura 42).

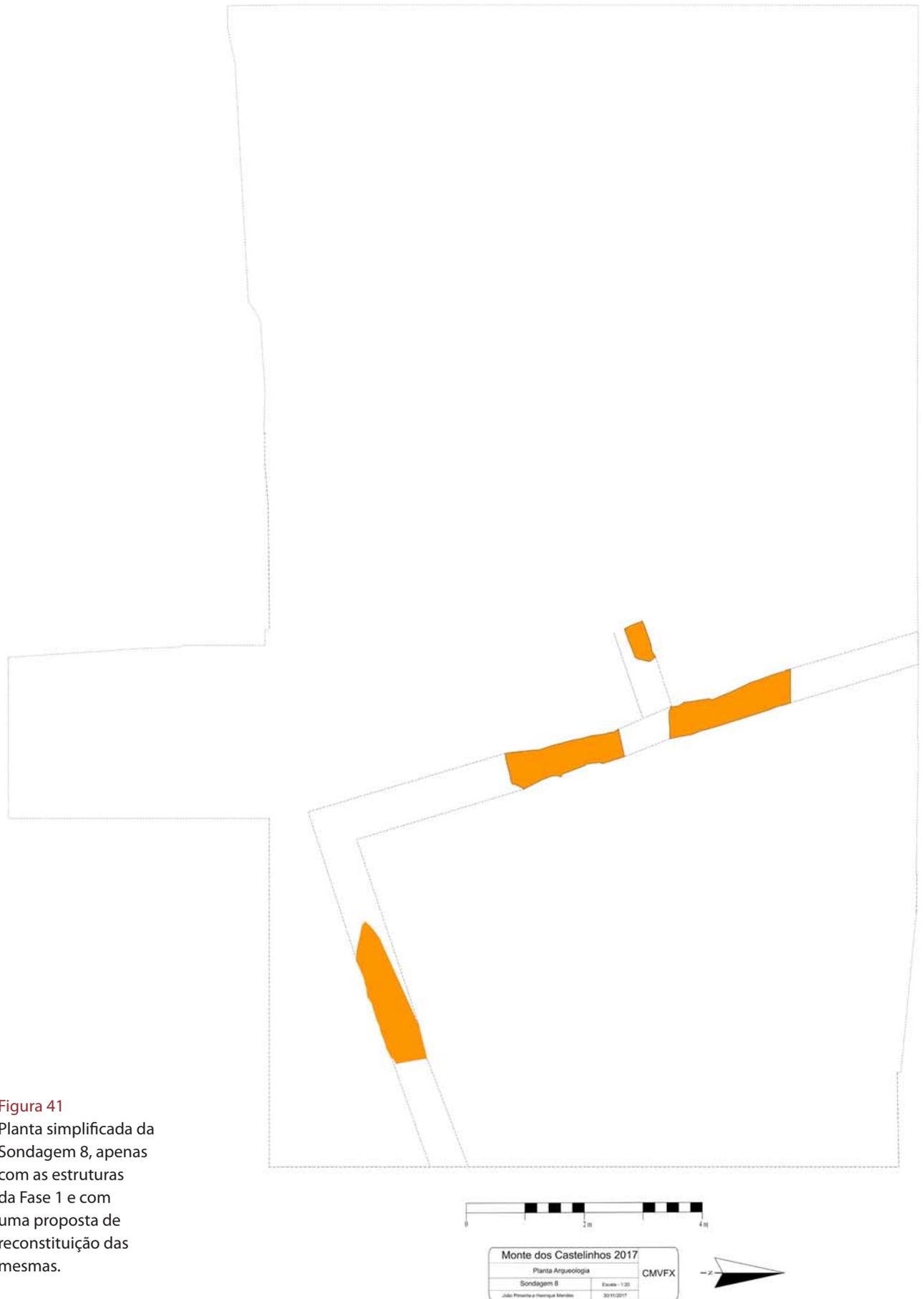
Contudo, a presença de algum espólio mais antigo nestes níveis, nomeadamente a presença de fragmentos de cerâmica campaniense B, levanta a hipótese de podermos estar, tal como já registado nas Sondagens 4 e 5 do Monte dos Castelinhos, perante urbanismo romano republicano. De facto, as técnicas de construção são assaz idênticas às já conhecidas para esta estação. Poderemos assim, estar perante vestígios de uma alteração urbanística no sítio, em que o urbanismo pré-existente é derrubado e desmontado para dar lugar a um novo desenho.

**II Fase** – Corresponde a um novo desenho urbano, que se sobrepõe ao pré-existente, e que ainda que mantenha aproximadamente as orientações, reestrutura de forma distinta o espaço, compare-se a planta da figura 41 e a da 43. Tendo em conta os vestígios a descoberto, podemos distinguir claramente dois edifícios, separados por um arruamento com 3,80 metros de largura (ambiente 40). Ainda que não seja contundente, é possível que o Ambiente 44 possa corresponder igualmente a outra área de rua, cruzando com o Ambiente 40 em ângulo reto. O cuidado que detetamos na pavimentação desta rua, com um forte empedrado de disposição regular, revela um cariz urbano que até ao momento não identificamos na fase republicana.

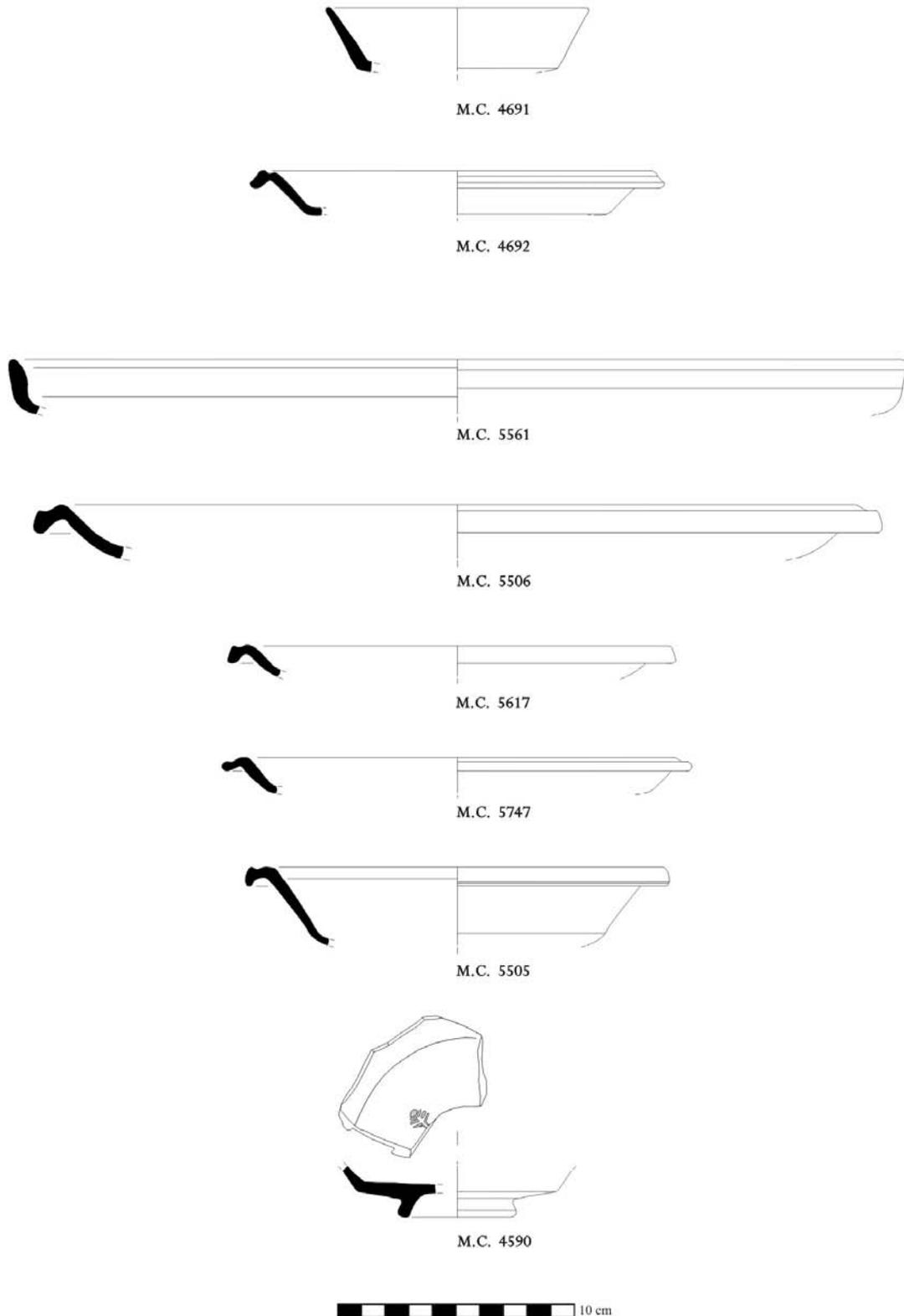
Em relação aos dois edifícios, a informação é desigual. O situado a Norte da Rua, Ambiente 40, parece corresponder a uma ampla habitação, com uma organização complexa e em que diversos compartimentos abrem para a área de rua. Face aos dados da análise dos espólios recolhidos, parece que o Ambiente 36 corresponde a uma área de armazenamento e que o



**Figura 40**  
 Planta simplificada da Sondagem 8, com as estruturas da Fase 1 a laranja e da Fase 2 a negro.



**Figura 41**  
Planta simplificada da Sondagem 8, apenas com as estruturas da Fase 1 e com uma proposta de reconstituição das mesmas.



**Figura 42**

Cerâmicas finas associadas à primeira fase de ocupação detetada na sondagem 8: MC 4691 – Taça em T.S.I. Consp. 7; MC 4692 – Taça em T.S.I. Consp. 12; MC 5561 – Imitação em pasta cinzenta de um prato de campaniense da forma Lamboglia 7; MC 5506 – Imitação em pasta cinzenta da forma Consp. 10; MC 5617, MC 5747, MC 5505 imitações em pasta cinzenta das formas Consp. 12-13; MC 4590 imitação em pasta cinzenta de fundo de taça possivelmente da forma Lamboglia 28 com decoração impressa em “losango”.

Ambiente 45 a uma área multifuncional estando atestada a presença de mós e de uma área de fogo.

Relativo ao edifício situado a Sul da rua, temos pouca informação sobre a sua arquitetura, contudo a presença de dois pilares associados a uma área de entrada ou de degrau, revela alguma complexidade construtiva que apenas começamos a antever.

A datação desta Fase, de momento assenta apenas nas escassas áreas escavadas em profundidade. Contudo, parece sólido atribuir a sua construção ao período Augustano. Temos porém, que sublinhar, que apenas se escavou parcialmente o seu interior, tendo-se por questões metodológicas optado por colocar em área a descoberto os seus níveis de derrube e abandono.

Nos dois ambientes escavados até ao momento, (N.º 36 e 37), recolheram-se espólios coerentes sobre os seus pavimentos. Destaque-se aqui a omnipresença de *terra sigillata* de tipo itálico, estando presente as formas 11, 12 e 18 do *Conspectus*, um grande fundo de pátera com pé da Forma B 1.7 (Ettlinger, et al., 1990), e um pequeno fragmento de fundo com marca. Este evidencia a marca NAEVIVS, gravada numa cartela quadrangular, com paralelos em OCK. 1231. Esta marca encontra-se atestada como de fabrico nas oficinas de Pisa/Lyon e é lhe atribuída uma datação entre 1 e 20 d.C. (Oxé, et al, 2000, p. 296). Nestes níveis encontra-se igualmente bem representado a presença de cerâmicas cinzentas imitando os serviços de verniz negro do tipo Campaniense e de *terra sigillata*, assim como fragmentos de cerâmica Campaniense B, nomeadamente dois bocais de Lamboglia 3. Os exemplares MC 5480 e MC 4726 podem ser interpretados como imitações da forma 2 do *Conspectus*. O fragmento de bocal MC 5851 pode ser uma imitação da forma de campaniense Lamboglia 7 ou da forma 1 do *Conspectus* de *Terra Sigillata*. Os fundos MC 4723, MC 6811, MC 5478, apenas podem ser interpretados como reproduções de grandes páteras que tanto se podem inserir no mundo das Campanienses como da *terra sigillata*. Por último os fragmentos MC 4729, MC 4728 e MC 5644 correspondem a imitações da Forma Lamboglia 2 em cerâmica cinzenta reproduzindo inclusivamente as típicas estampilhas em losango, similares aos já reconhecidos na área da Sondagem 4 em contextos do século I a.C. (Pimenta, Soria e Mendes, 2014), ver figura 44.

Se os dados relativos á cronologia de ocupação deste espaço são ainda relativamente escassos, por não ter sido escavado o interior dos compartimentos. A informação recolhida nos níveis de derrube destas estruturas é assaz abundante, como aliás tentou-se deixar demonstrado na apresentação da estratigrafia. Entre as cerâmicas finas destaca-se a presença esmagadora de *terra sigillata* de tipo Itálico, equivalendo a 90% do conjunto das cerâmicas do tipo *sigillata*, com uma panóplia diversificada das formas Consp. 2, 4, 12, 14, 18, 19, 20 e 22. Destacando-se diversos fragmentos de um cálice da forma *Conspectus* R10 com uma cronologia Tiberiana (Ettlinger, et al., 1990), ver figura 45.

Detetaram-se até ao momento nestes níveis um conjunto de 20 marcas de *Terra Sigillata* Itálica 1. O oleiro melhor atestado é *Cneus Ateius* com dois vasos, um com paralelo com a marca ATEIVS - OCK. 269 - Pisa. Com uma Datação entre 5 a.C. e 25 d.C., (Oxé, et al, 2000, p. 121) e outra com paralelo em OCK. 270, com produção em Arezzo, Pisa e em Lyon e com uma datação entre 15 a.C. e 30 d.C., (Oxé, et al, 2000, p. 269). Destaca-se ainda o prato MC 5460, identificado sobre o pavimento do Ambiente 40 (Rua), com a marca C. MURRIVS FELIX *In planta pedis*, com registo idêntico em OCK. 1206 (1) - (Oxé, et al, 2000, p. 290),

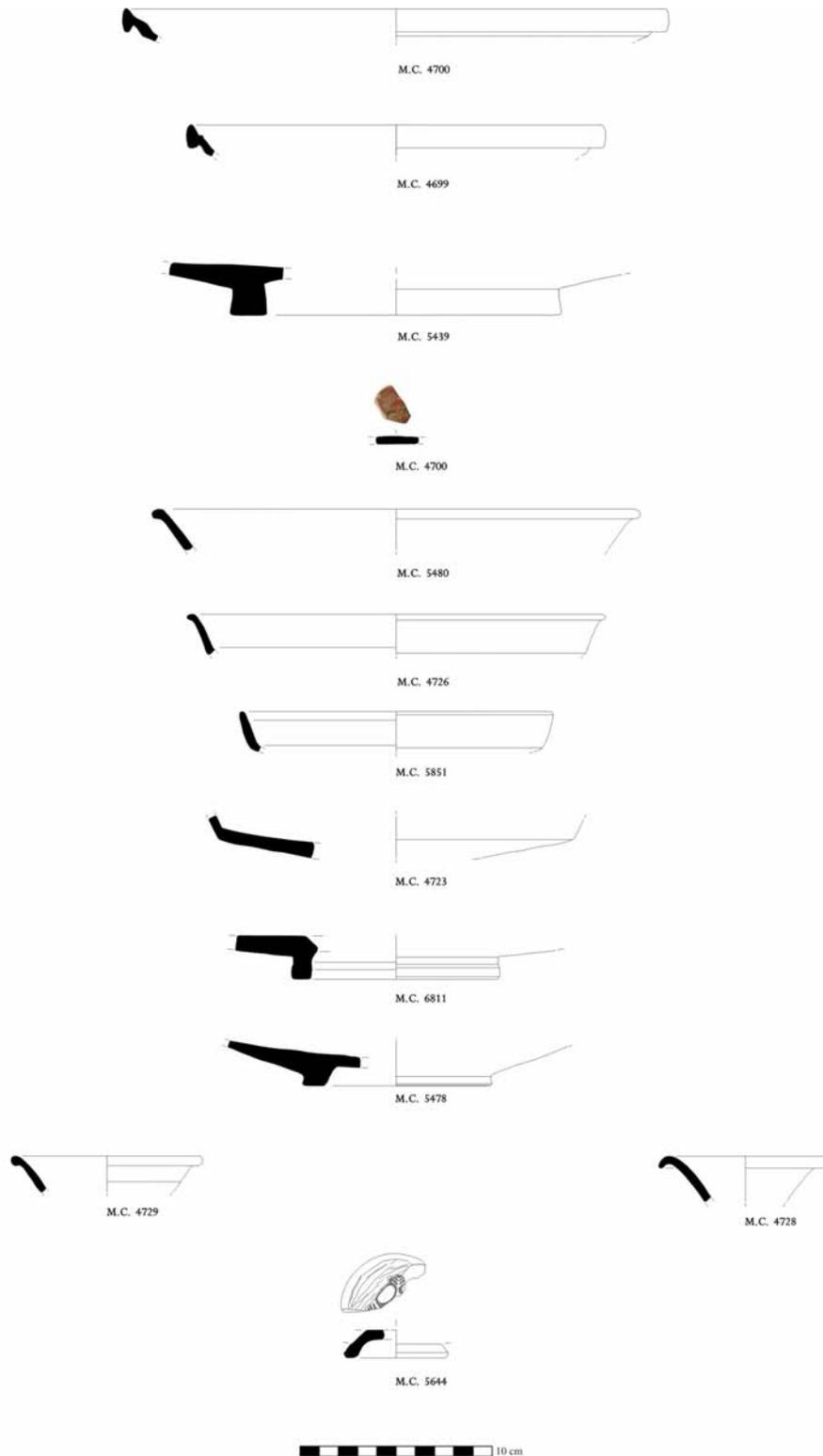
---

1 Conjunto que se encontra em estudo para apresentação no próximo volume desta Revista pelos signatários em colaboração com Rodrigo Banha da Silva.



**Figura 43**  
 Planta simplificada da  
 Sondagem 8, com as  
 estruturas da Fase 2.





**Figura 44**

Cerâmicas finas identificadas diretamente sobre os pavimentos da Fase 2: MC 4700 e MC 4699 – Pratos em T.S.I. Consp 12; MC 5439 – grande fundo de pátera com pé da Forma Consp. B 1.7; MC 4700 – Fragmento de fundo de T.S.I. com a marca NAEVIVS; MC 5480 e MC 4726 – Imitações em cerâmica cinzenta da Forma 2 do Conspectus; MC 5851 pode ser uma imitação da forma de campaniense Lamb. 7 ou da forma Consp. 1 de T.S.I.; Os fundos MC 4723, MC 6811, MC 5478, correspondem a grandes páteras de imitação; Os fragmentos MC 4729, MC 4728 e MC 5644 correspondem a imitações da Forma Lamboglia 2 em cerâmica cinzenta.

O início da sua produção encontra-se atestada em Arezzo, com uma datação cerca de 30 d.C. (Sangriso, 2013, p. 207), ver figura 45.

Tendo presente os elementos datantes mais recentes, podemos situar o momento de abandono deste urbanismo, com alguma segurança, dentro do final do período Júlio/Cláudio. Um dos elementos mais assertivos para essa cronologia é a presença de *terra sigillata* Sudgálica (10% do conjunto das cerâmicas do tipo *sigillata*), nomeadamente das formas Drag. 15/17, Drag. 18/31, Drag. 24/25, Drag. 27, Drag. 30, a par da importação de cerâmica de paredes finas de produção Bética de decoração arenosa da Forma Mayet XXXVI. Face a esses elementos podemos situar esse momento de forma mais concreta, na sua terminal deste período, em cerca de 40/60 d.C., ver figura 45 e 46.

Não sendo aqui o lugar para apresentar detalhadamente os espólios, importa porém reter algumas linhas gerais destes contextos de derrube e colapso das estruturas. Estes pautam-se por uma abundância de material de construção, telhas e ímbrices atestando as soluções de cobertura deste conjunto edificado. As unidades são prolíferas em espólios cerâmicos e metálicos atestando o dinamismo comercial dos Castelinhos e o seu ritmo aquisitivo.

O conjunto de cerâmica de paredes finas é assaz representativo nestes níveis, encontrando-se em fase de tratamento e estudo<sup>2</sup>. É interessante ressaltar a ocorrência de exemplares de fabrico que se podem genericamente designar como centro itálicos, das Formas II, VIII C, e XXIII ou XXV de Mayet (1975), coexistindo com as primeiras produções peninsulares dotadas de decoração de granitado arenoso e de provável fabrico Bético da Forma Mayet XXXVII. Se os copos Mayet II, VIII C. evidenciam cronologias que se estendem entre os meados do século I a.C. e Augusto (Ricci, 1985; Arruda e Sousa, 2003), já a taça a que atribuímos ainda que com alguma hesitação uma produção itálica com decoração em barbotina constituída por espinhos da Forma Mayet XXIII ou XXV é já característica do período augustano, e as duas taças de paredes finas da Forma Mayet XXXVII, tem cronologias da época de Tibério-Nero (López Mullor, 2013), ver figura 46.

O conjunto de lucernas encontra-se infelizmente muito fragmentado, não sendo fácil a sua classificação nem a perceção da sua gramática decorativa. Trata-se de produções itálicas genericamente englobadas dentro da designação de Lucernas Imperiais de Volutas. Podendo ser classificadas como da forma Dressel 9 B, com uma cronologia de início de produção em Tibério, alcançando o seu auge em meados do século I d.C. (Pereira, 2014, p. 62-63), ver figura 46.

Um dos grupos cerâmicos mais representativos é sem dúvida o das ânforas, atestando o cariz portuário de Monte dos Castelinhos. Não tendo este trabalho o propósito de desenvolver aprofundadamente esta temática, importa reter por questões de datação as linhas gerais da dinâmica comercial do sítio. Nos níveis em análise recolheu-se cerca de trezentos fragmentos classificáveis de ânfora<sup>3</sup>:

Dominam de forma esmagadora, tal como na fase republicana do sítio, os contentores do vale do Guadalquivir (69%). Entre estes, predomina os contentores da forma Haltern 70, com perfis de lábio que em função das recentes propostas de evolução tipológica desta forma, permitem genericamente considerá-los como “augustano-tiberianos” (Carreras Monfort, 2003; Berni Millet, 2011; Carreras Monfort e Berni Millet, 2016). Seguidos, dos contentores oleícolas da forma Oberaden 83/Ovóide 7 e dos primeiros modelos de ânforas da forma Dressel 20, (para uma discussão e revisão do estado da arte relativo às ânforas

<sup>2</sup> O estudo das cerâmicas de paredes finas do sítio encontra-se em curso pelos signatários em colaboração com Elisa de Sousa.

<sup>3</sup> O estudo monográfico do conjunto de ânforas está em fase de conclusão por um dos signatários (J.P.)

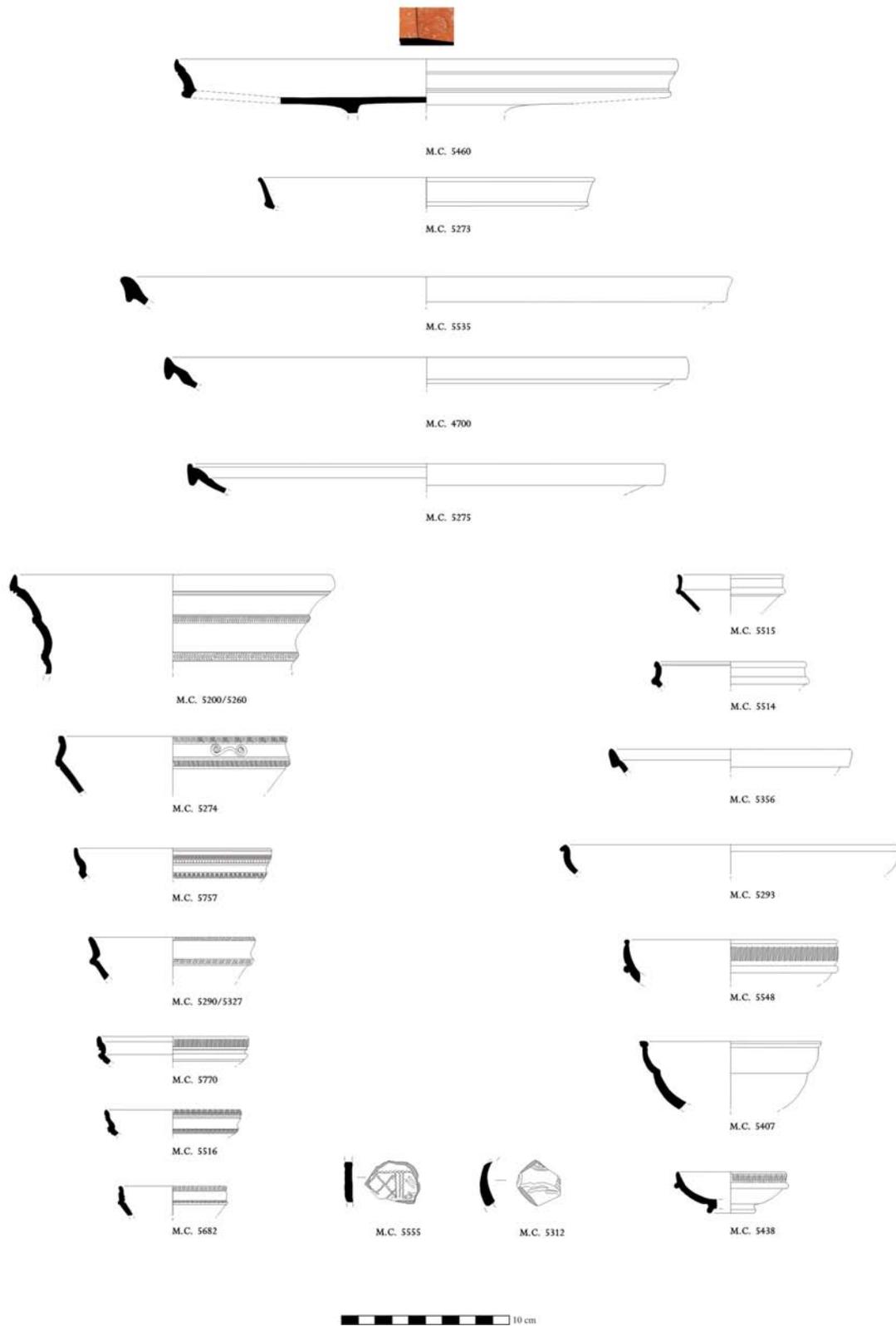


Figura 45

Cerâmicas finas identificadas nos níveis de derrube da Fase 2: MC 5470 – Prato de T.S.I. Consp 19 com a marca C. MURRIVS FELIX In planta pedis; MC 5273 – Prato de T.S.I. Consp 2; MC 5535, MC 4700 e MC 5275 – Pratos de T.S.I. Consp 12; MC 5200/5260 – Cálice de T.S.I. Consp. R10; MC 5274 – Taça de T.S.I. Consp 23; MC 5757, MC 5290/5327, MC 5770, MC 5516, MC 5682, MC 5515, MC 5514 – Taças de T.S.I. Consp 22; MC 5356 – Taças de T.S.I. Consp 14; MC 5293 – Prato em TSS Drag. 18/31; MC 5548 – Taça em TSS Drag. 24/25; MC 5407 – Taça em TSS Drag. 27, MC 8438 – Pequena taça de T.S.S. Drag 24/25. MC 5555 e MC 5312 – Fragmentos de taças em TSS decoradas.



Figura 46

Paredes finas e Lucernas identificadas nos níveis de derrube da Fase 2: MC 5262 e MC 5551 – Copo de paredes finas de produção itálica da Forma VIII C.; MC 5479 – Copo de paredes finas de produção itálica da Forma II; MC 5395 – Copo de paredes finas de produção itálica com decoração em barbotina constituída por espinhos da Forma Mayet XXIII ou XXV; MC 5754 e 5213 – Taças de paredes finas de possível produção Bética da Forma Mayet XXXVII; Exemplos MC 5837, MC 5839, MC 5835, MC 5625, MC 5828 fragmentos de lucernas itálicas de volutas, possivelmente da forma Dressel 9 B.

Oberaden 83 e sua substituição progressiva pelos primeiros modelos de ânfora Dressel 20 ver Berni Millet, 1998; García Vargas, Almeida, González Cesteros, 2011 e González Cesteros, Almeida, 2016). Por último entre as produções do vale do Guadalquivir identificam-se diversos fragmentos de ânforas de fundo plano individualizadas sob a denominação de Tipo *Urceus* e com uma cronologia entre 20 a.C. e 50 d.C. com uma máxima eclosão no período de Augusto /Tibério (Morais, 2007 e 2008), ver figura 47.

As importações da área costeira da Bética encontram-se atestados por 14% dos elementos identificados. Sendo omnipresentes fragmentos passíveis de ser identificados como do grupo das Dressel 7/11. As evidentes afinidades formais entre as Forma 7 a 11 da tabela de Dressel e a grande diversidade ao nível do perfil de bordos dificultam em muito a sua correta classificação, quando nos deparamos, como é o caso, com materiais muito fragmentados. A cronologia de fabrico destes envases situa-se genericamente entre o último terço do século I a.C. e os finais do século I / inícios do século II d.C. (García Vargas, 1998, p. 76 a 92), ver figura 47.

A presença de ânforas Lusitanas encontra-se atestada por produções da área do Vale do Tejo/Sado (15%), e por dois fragmentos de bocal correspondendo a produções da zona de Peniche (1%).

Em relação ao primeiro grupo, identificam-se elementos de bocais moldurados, colos, asas e fundos correspondendo a morfologias ovóides, atestando assim as primeiras fases das olarias Lusitanas (Morais e Fabião, 2007; Morais e Filipe, 2016). Recentemente já tivemos oportunidade de apresentar que estas produções encontram-se bem atestadas no Monte dos Castelinhos em contextos da segunda metade do século I a.C. (Pimenta, 2017), ver figura 47.

De conhecimento ainda relativamente recente, (Cardoso e Rodrigues, 2005) a produção oleira em Peniche tem vindo a ser estudada e divulgada de forma sistemática e exemplar (Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, 2006; Cardoso et al. 2016, Cardoso et al. 2017).). Essa divulgação tem permitido o reconhecimento da sua presença e o mapear de uma precoce e ampla dispersão destas ânforas e dos seus conteúdos dentro e fora da Lusitânia, alcançando mesmo a capital *Emerita Augusta* (Bernal Casasola, Bustamente Álvarez, e Bejarano Osorio, 2017). Os dois fragmentos de bocal, identificados nestes níveis de abandono da Sondagem 8 podem ser classificados como do Tipo Peniche 4, com uma produção datada do período de Augusto / Tibério (Cardoso et al. 2016, p. 11-12).

A cerâmica comum associada a estes níveis, engloba uma plêiade de fabricos e de funcionalidades que justifica *per se* um estudo específico. Porém, tendo presente a cronologia em análise, e a raridade de níveis bem datados, parece-nos justificado uma apresentação de uma seleção dos materiais mais relevantes deixando-se para estudos ulteriores uma análise mais detalhada.

Como já foi registado para as fases republicanas dos Castelinhos, a presença de cerâmica comum oriunda da bética costeira e da bacia do Guadalquivir encontra-se bem representada (Pimenta, 2013 e 2015).

As tipologias presentes são em linhas gerais, as formas mais recorrentes em território português (Pinto e Morais, 2007, Quaresma, 2006), ainda que com algumas singularidades (ver figuras 48 e 49). Entre estas destaca-se a peça MC 7294, que corresponde ao bocal com arranque de asa de uma invulgar peça que interpretamos como um cantil. Sobressai no conjunto a presença de almofarizes que podem ser englobados nas formas 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> Séries de Pinto e Morais, 2007. Sendo que ambas as morfologias evidenciam cronologias já de finais de Tibério a Cláudio prolongando-se até inícios do século II d.C. (Pinto e Morais, 2007, p. 238-239).

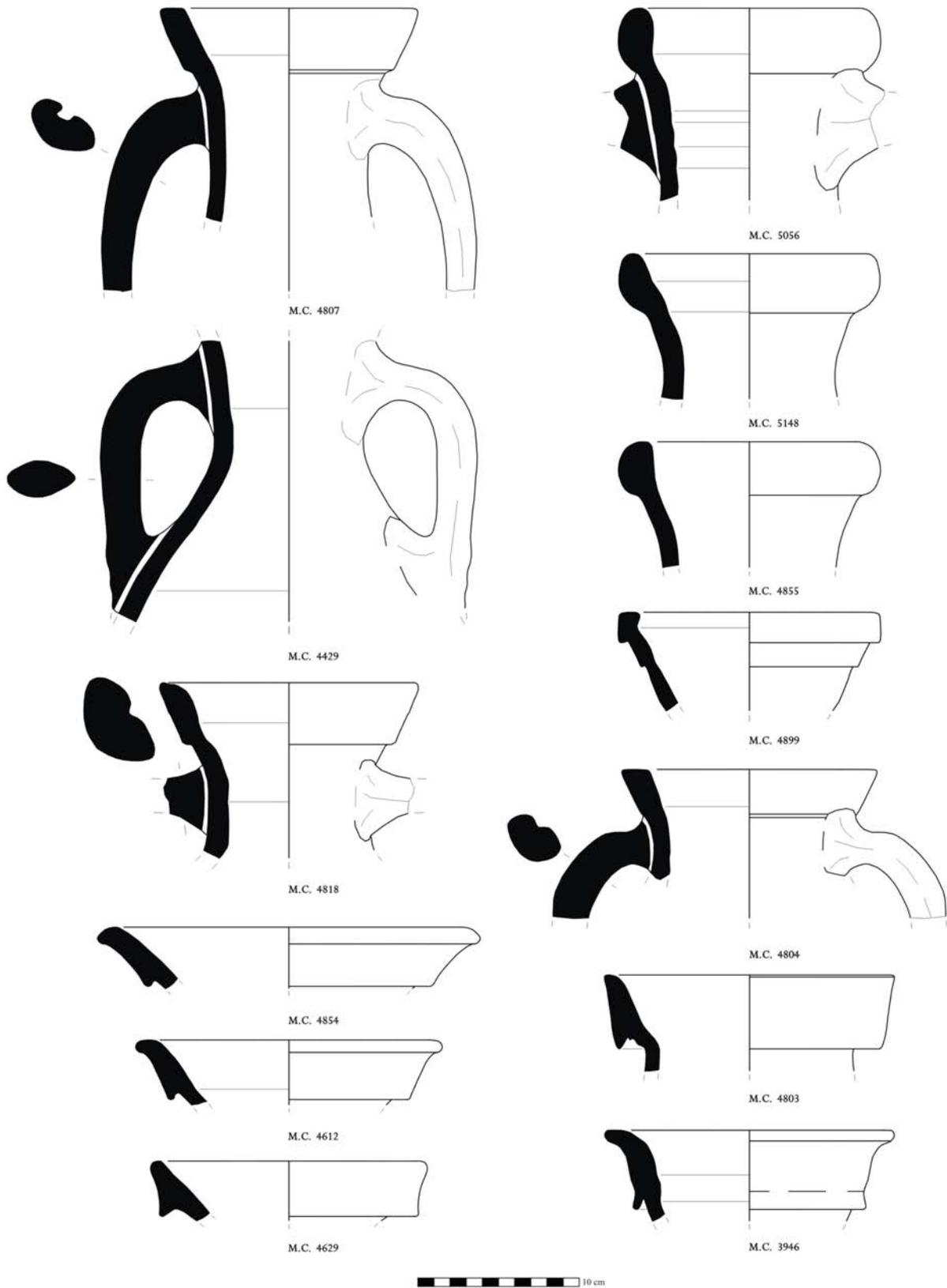
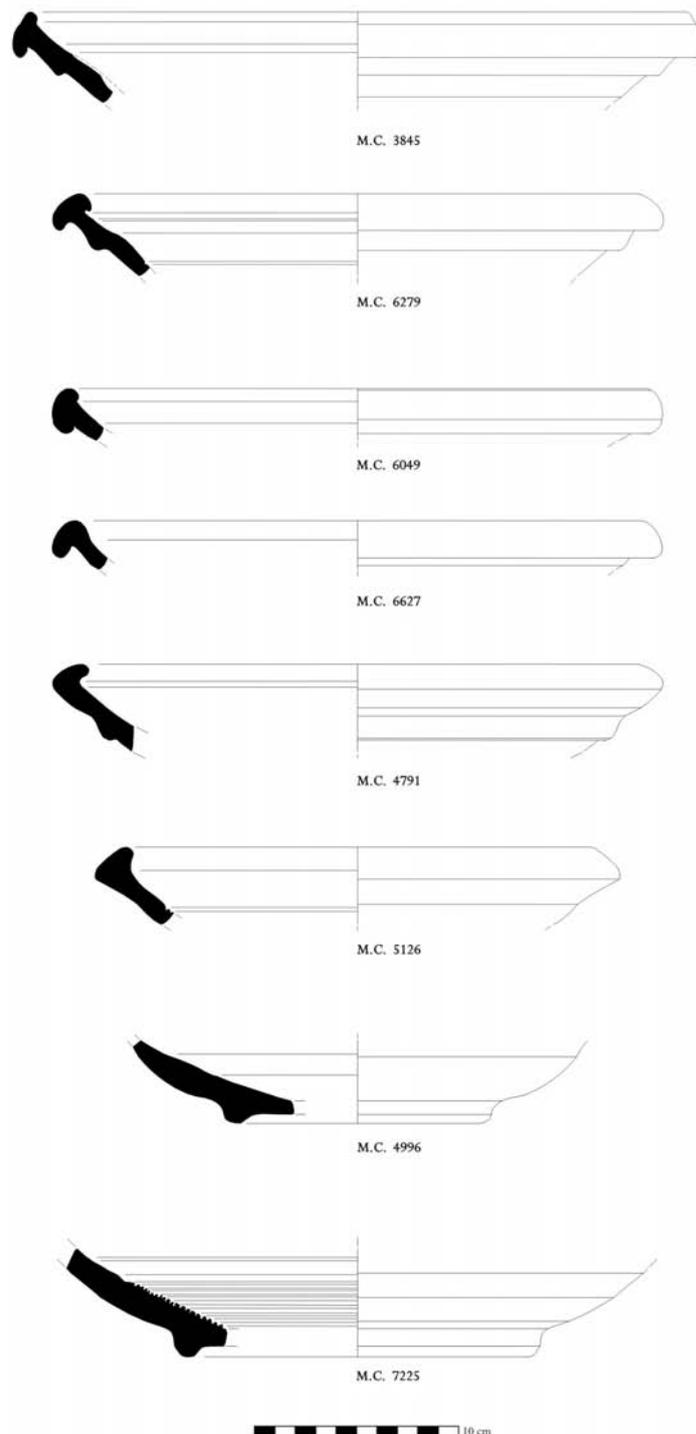


Figura 47

Conjunto de ânforas selecionado proveniente dos níveis de derrube da Fase 2: MC 4807, MC 4429, MC 4818, MC 5162 – Haltern 70 do vale do Guadalquivir; MC 4854, MC 4612, MC 4629 – Bocais de ânfora da Bética Costeira Tipo Dressel 7/11; MC 5056, MC 5148, MC 4855 – Oberaden 83/Ovóide 7 do Guadalquivir; MC 4899 – Tipo Urceus do Guadalquivir; MC 4804 – Ovóide Lusitana Uejo/Sado; MC 4803 e MC 3946 – Ânforas de Peniche.

O grupo das cerâmicas comuns de cariz regional e com fabricos atribuíveis aos vales do rio Tejo e Sado são como seria de esperar o grupo mais numeroso. Infortunadamente o panorama bibliográfico pauta-se por uma raridade de estudos dedicados a esta categoria cerâmica, ainda que recentemente tenha-se assistido a um incremento de dados para a fase a que nos reportamos, o período Júlio-Cláudio (Silva, 2015; Silva, no prelo; Silva, Nozes e Miranda, 2015, Grilo e Santos, 2016-2017). Encontra-se particularmente bem representado o grupo das cerâmicas de uso culinário como os potes/panelas e os tachos, com bons paralelos nos



**Figura 48**  
 Conjunto de almofarizes béticos provenientes dos níveis de derrube da Fase 2: MC 3845, MC 6279 – Bocais da 4ª Série de Pinto e Morais. MC 6627, MC 4791, MC 5126 – Bocais da 5ª Série de Pinto e Morais; MC 6049 – Bocal da 6ª Série de Pinto e Morais; MC 4996, MC 7225 – Fundos de almofarizes.

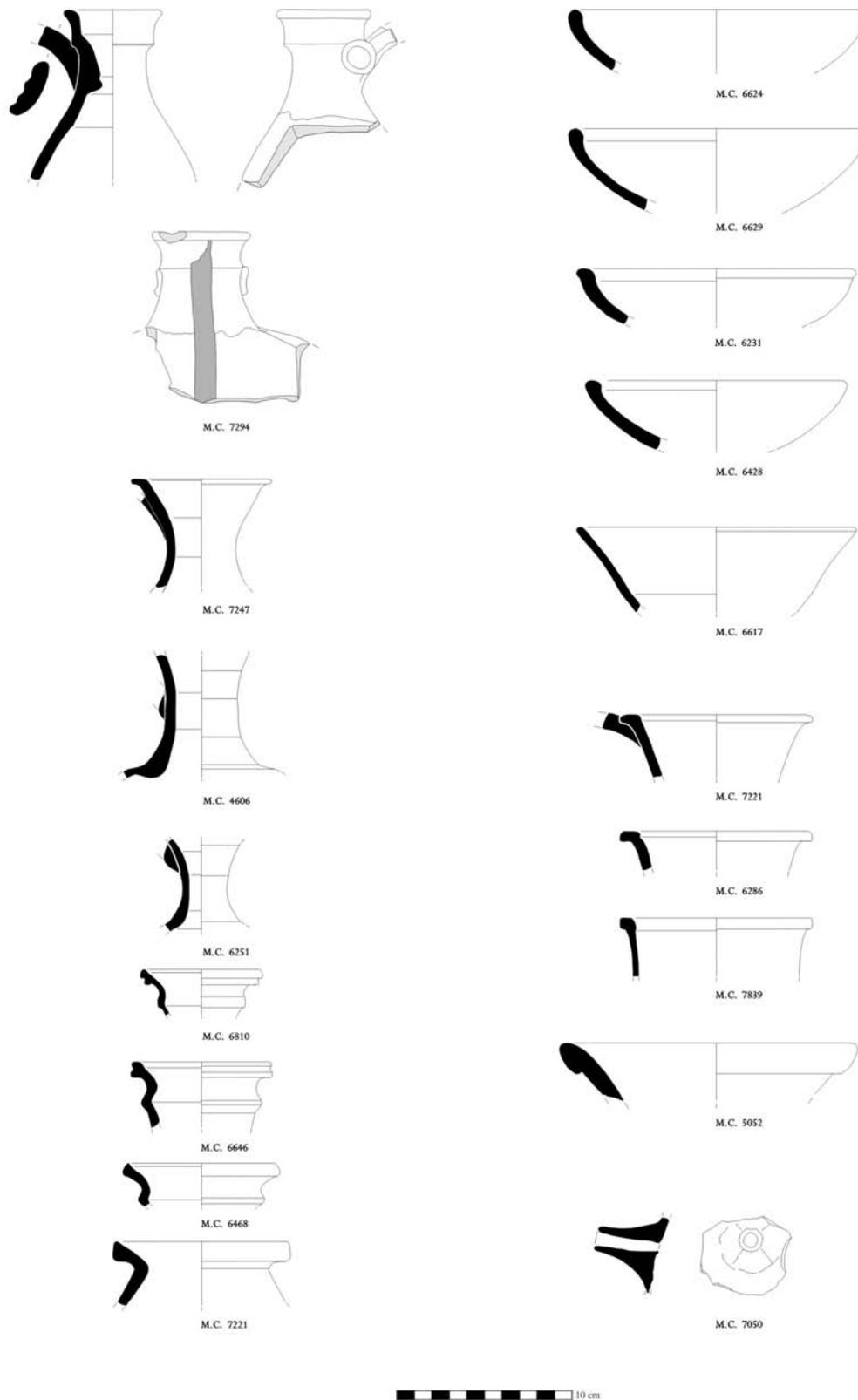


Figura 49

Conjunto de cerâmica comum bética proveniente dos níveis de derrube da Fase 2: MC 7294 – Cantil (?); MC 7277, MC 4606, MC 6251, MC 6251, MC 6810, MC 6646, MC 6468, MC 7221 – Bilhas; MC 6624, MC 6629, MC 6231, MC 6428, MC 6617 – Tijelas; MC 7221, MC 6286, MC 7839 – Potes; MC 5052 – Cântaro (?); MC 7050 – Fragmento de bico vertedouro de biberon – Guttus.

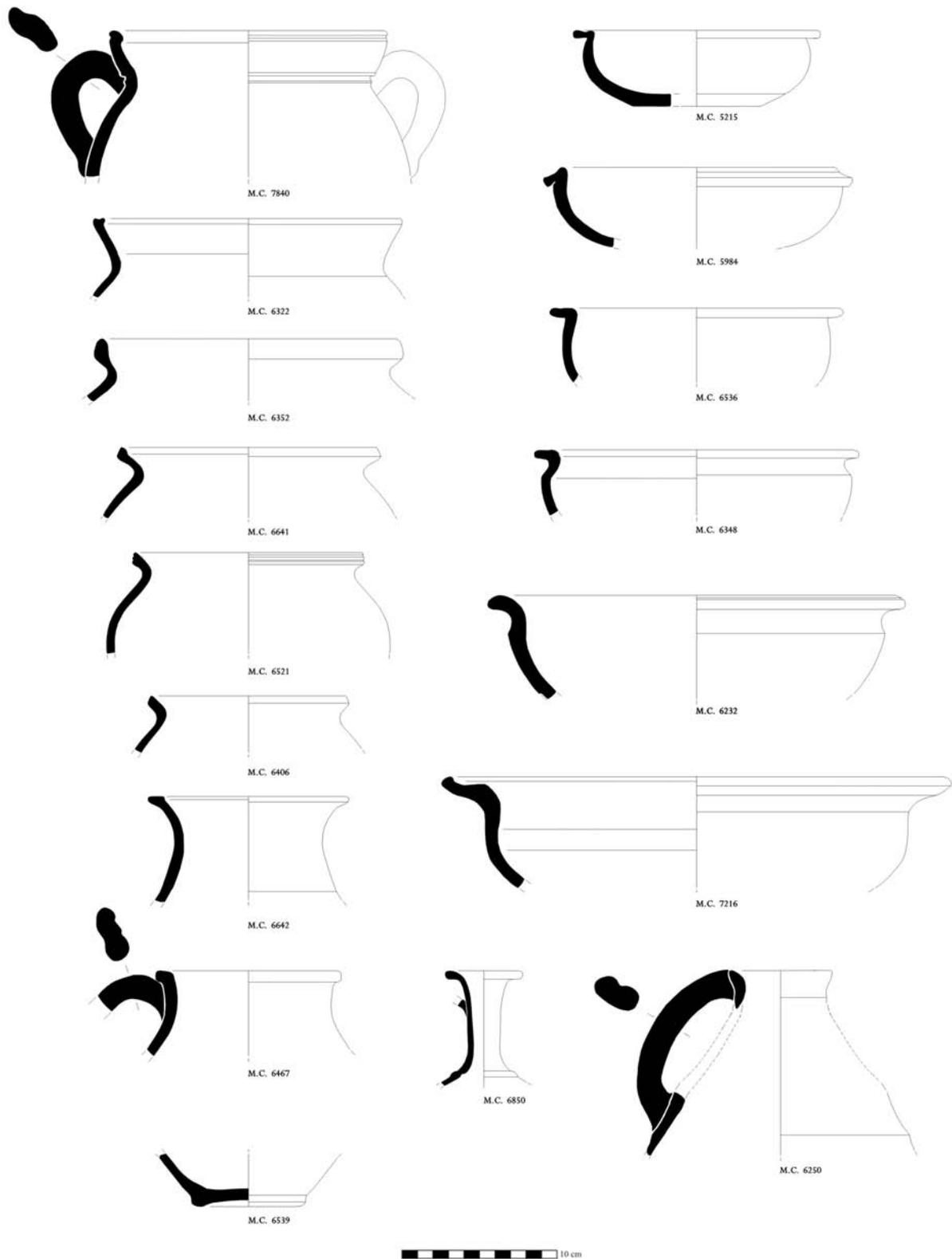


Figura 50

Conjunto de cerâmica comum regional do vale do Tejo/Sado proveniente dos níveis de derrube da Fase 2: MC 7840, MC 6322, MC 6352, MC 6641, MC 6641, MC 6521, MC 6406 – Potes/Panelas; MC 6642, MC 6647, MC 6539, MC 6250 – Jarros; MC 6850 – Bilha; MC 5215, MC 5984, MC 6536, MC 6348, MC 7217 – Tachos.

contextos Júlio-Cláudios de Lisboa (Silva, 2015) e nos contextos de época tardo-republicana e período Augustano do Castelo da Lousa (Pinto e Schmitt, 2010).

**III Fase** – Encontra-se documentada através de uma nova fase construtiva, para a qual não dispomos de evidências sólidas que nos permitam aferir uma cronologia bem definida.

Uma vez colapsado o urbanismo da fase II, é aberta uma extensa vala que corta as unidades de abandono assim como as próprias paredes dos edifícios, UE [367], ver figura 4. No interior dessa vala é construído uma estrutura de planta aparentemente quadrangular, com abertura virada a Sul e que se desenvolve para fora da área intervencionada, ver figura 51. Qual a datação desta Fase III? De momento não é fácil de aferir. Os espólios aí recolhidos remetem para uma cronologia antiga centrada ainda em meados do século I d.C.. Contudo, tendo em conta a sequência estratigráfica e o facto de esta vala UE [367], cortar os níveis de abandono acima descritos e as estruturas com eles relacionados, confere-lhe um *terminus post quem*, sendo esta estrutura negativa logicamente posterior aos níveis que corta. O facto de as estruturas serem edificadas no fundo desta vala, permite ver neste facto uma nova fase de construções no sítio, necessariamente ulterior ao período de Cláudio. Porém aguardamos que a continuação das investigações e o alargamento da área, permitam analisar melhor de que tipo de estruturas estamos a falar e qual a sua cronologia específica de construção e de abandono.

## 6. Considerações Finais

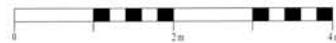
Em sùmula a abertura da nova área de Sondagem em Monte dos Castelinhos revelou-se muito prolífera e veio confirmar e consubstanciar a relevância científica e patrimonial desta invulgar estação arqueológica. O relevar de uma nova fase de urbanismo, com a construção de um novo traçado de ruas e de habitações, datado já de época Augustana permite-nos sublinhar que não só o sítio continua a existir após a fase de abandono datada do final do período republicano, como o sítio é considerado suficientemente relevante para ser dotado daquilo que pode ser interpretado à luz destas novas descobertas como de um projeto urbanístico.

Perante os resultados obtidos, é evidente que estamos perante um sítio singular para o estudo da romanização do vale do Tejo, que muito pode contribuir para uma nova leitura deste processo.

Ao tentarmos compreender a lógica de um povoado desta natureza, em torno do qual ainda muito desconhecemos, sobressai a sua implantação privilegiada de verdadeiro domínio sobre a estrada romana de *Olisipo* a *Scallabis* (Pimenta e Mendes, 2007 e 2012).

Qual a importância que este sítio vem a assumir com a reorganização política e administrativa da província da Lusitânia é algo que de momento nos escapa, porém não deixa de ser pertinente a referência à localização da fronteira do território Olisiponense nesta zona (Alarcão, 1988).

Apesar de ainda não serem conclusivos, face a estes recentes resultados do projeto MOCRATE, julgamos ser pertinente voltar a trazer à coação a hipótese, proposta pela primeira vez em 2008 no âmbito da mesa redonda de *Olisipo* a *Ierabriga*, de que este sítio poderá corresponder à primitiva localização da *Ierabriga* das fontes clássicas (Pimenta e Mendes, 2012, p. 61; Mantas, 2011, 2012, p. 13 e reforçada em diversos trabalhos por exemplo Pimenta, 2013 e 2015, Mantas, 2016-2017).



Monte dos Castelinhos 2017	
Planta Arqueologia	
Sondagem 8	Escala: 1:20
João Pinheiro e Henrique Mendes	30/11/2017



**Figura 51**  
Planta simplificada da  
Sondagem 8, com as  
estruturas da Fase 3.

A existência deste núcleo é referida nas fontes Clássicas, no Itinerário de Antonino, na cosmografia do anónimo de Ravena e na Geografia de Ptolomeu. A sua presumível localização tem vindo a oscilar desde o século XVI, entre a antiga Vila de Povos, as imediações de Alenquer (Paredes/Quinta do Bravo), e mais recentemente a cidade de Vila Franca de Xira (Guerra, 2012, Mantas, 2011, 2012, 2016-2017).

Dada a sua implantação na paisagem e a presença de estruturas defensivas, estaríamos em Monte dos Castelinhos perante uma localização adequada de um local com o sufixo *briga*. Tendo em conta a aparente perda de relevância do sítio em época Alto Imperial, em particular após o período dos Flávios, poderia, ter existido uma mudança da localização da antiga fortificação de *Ierabriga*, para uma nova implantação, onde a topografia e a abundância de água facilitaria a construção dos novos equipamentos que o gosto de influência itálica requeria. Tal parece consubstanciar-se na zona entre Paredes e as margens do rio Alenquer, onde a existência de necrópoles e a presença de uma monumental obra de captação de água remete para a existência de um núcleo de alguma relevância. Para uma síntese mais atualizada da densidade de povoamento nesta região ver Pimenta e Domingos, 2015.

Importa assim continuar as investigações para tentar entender a que nível é que essas alterações se fizeram sentir e qual a relevância que o Monte dos castelinhos adquiriu no novo quadro político de época Augustana. Estaremos perante um simples povoado ou perante algo mais? Sendo que a par desta problemática se coloca outra, o quando é que o sítio deixa de ter relevância ou seja quando é de facto foi abandonado...

---

#### BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1988) – *O domínio romano em Portugal*. Lisboa. Publicações Europa América.
- ALARCÃO, J.; CARVALHO, P.C.; GONÇALVES, A. (2010) – *Castelo da Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002. STUDIA LUSITANA 5*. Museu Nacional de Arte Romana. Mérida.
- ALMEIDA, R. R. (2008) – *Las ánforas del Guadalquivir en Scallabis (Santarém, Portugal). Una aportación al conocimiento de los tipos minoritarios*. Col. Lección Instrumental. 28. Barcelona. Publicacions Universitat de Barcelona.
- ARRUIDA, A. M. e SOUSA, E. (2003) – Cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 6, n.º 1. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa, p. 235-286.
- ARRUIDA, A. M. e VIEGAS, C. (2004) – Les Mortiers de L'Alcáçova de Santarém (Portugal). *Actes du Congrès de Vallauris*. SFECAG, p. 341-349.
- BARKER, P. (1986) – *Understanding archaeological excavation*. B. T. Batsford Limited. London
- BARKER, P. (1989) – *Techniques of archaeological excavation*. Courier International Ltd. B. T. Batsford Limited. London
- BERNAL CASASOLA, D.; BUSTAMENTE ÁLVAREZ, M.; BEJARANO OSORIO, A. (2017) – L. ARVENIVS RVSTICVS en Augusta Emerita (Mérida, Badajoz). Un ánfora de Peniche en el interior de Lusitania. *Bolletín Ex Officina Hispania*. N.º 8. Março de 2017. Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH), p. 53-55.
- BERNI MILLET, P. (1998) - *Las ánforas de aceite de la Bética y su presencia en la Cataluña romana*, Col. Lección Instrumental 4, Barcelona, Publicacions de la Universitat de Barcelona.
- BERNI MILLET, P. (2011) - Tipología de la Haltern 70 bética. *Ánforas romanas de Lugo*. Trabajos de Arqueología 3. Lugo, p. 80-107.
- CARDOSO, G., RODRIGUES, S. (2005) - Olaria romana do Morraçal da Ajuda. In *Actas do Congresso A Presença Romana na Região Oeste*. Bombarral. Câmara Municipal do Bombarral, p. 83-102.
- CARDOSO, G., RODRIGUES, S., SEPÚLVEDA, E. (2006) - A olaria romana de Peniche. In *Simpósio Internacional Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. Setúbal Arqueológica, Vol. 13, p. 253-278.

- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S.; SEPÚLVEDA, E.; RIBEIRO, I. (2016) - Production during the Principate in Peniche (Portugal). Raw Materials, Kilns and Amphora Typology. In I.V. Pinto, R.R de Almeida, A. Martin (eds.). *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, 10. Oxford, p. 3-17.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S.; SEPÚLVEDA, E.; RIBEIRO, I. (2017) – A olaria romana do Morraçal da Ajuda: estruturas de produção. In *Actas Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental. A Olaria Romana (Seixal 17-20 de Fevereiro de 2010)* (Fabião, C., Raposo, J., Guerra, A. y Silva, F. Eds.), Lisboa, UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal do Seixal, 49-88.
- CARRERAS MONFORT, C. (2003) - Haltern 70: a review. *Amphorae in Britain and in the Western Empire* (London, 1994). *Journal of Roman Pottery Studies*. 10. London, p. 85-91
- CARRERAS MONFORT, C.; BERNI MILLET, P. (2016) - «Haltern 70 (Guadalquivir Valley)», *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y de consumo* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/haltern-70-guadalquivir-valley>). 08 julio, 2016.
- ETTLINGER, E.; HEDINGER, B.; HOFFMANN, B.; KENRICK, P.; PUCCI, G.; ROTH RUBI, K.; SCHNEIDER, G.; SHNURBEIN, S.V.; WELLS, C.M.; ZABEHLICKY-SCHEFFWNEGGER, S. (1990) - *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*. Dr. Rudolf Habelt GmbH, Römische-Germanische Kommission des Deutschen Archäologischen Instituts zu Frankfurt A.M., Materialien zu römischegermanische Keramik, 10, Bona.
- FABIÃO, C. (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área Céltica do território hoje Português*. Lisboa. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- FABIÃO, C.; PIMENTA, J. (Coord.) (2014) – Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo. CIRA Arqueologia. N.º 3. Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- GARCÍA VARGAS, E.; ALMEIDA, R. R.; GONZÁLEZ CESTEIRO, H. (2011) – Los tipos anfóricos del Guadalquivir en el marco de los envases hispanos del siglo I a.C. Un universo heterogéneo entre la imitación y la estandarización. *SPAL. Revista de Prehistoria y arqueología*. N.º 20. Universidad de Sevilla.
- GONZÁLEZ CESTEROS, H. y ALMEIDA, R. R. de (2016) - “Chapter 3. Amphorae from the West: Hispania (Spain and Portugal) - A. Las ánforas de aceite de oliva béticas. De las Oberaden 83 hasta las Dressel 20 en el Kops Plateau de Nimega”, *Amphorae from the Kops Plateau (Nijmegen): trade and supply to the Lower-Rhineland from the Augustan period to AD 69/70* (Carreras Monfort, C. y Berg, J. van den Eds.), Oxford, Archaeopress Publishing Ltd., 47-60.
- GRILO, C.; SANTOS, C. (2016-2017) – A cerâmica comum da *Villa Romana* de Povos, Vila Franca de Xira. CIRA Arqueologia. N.º 5. Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 86-115.
- GUERRA, A. (2012) – O troço inicial da Via Olisipo-Bracara. In *Cira Arqueologia*. N.º 1. Atas da Mesa Redonda de Olisipo a Scallabis. A rede viária romana no vale do Tejo. Pimenta, J. (Cord.). Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 24-40.
- LÓPEZ MULLOR, A. (2013) – Las cerámicas de Paredes Finas del final de la República Romana y el período Augusteo-Tiberiano. In *Manual de cerámica romana del mundo Helenístico al Imperio Romano*. Albert Ribera I Lacomba (Coord). 1ª ed. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional. Madrid: Colegio Oficial de Doctores y Licenciados en Filosofía y Letras y en Ciencias, Sección de Arqueología, p. 149-190.
- MAYET, F. (1975) – *Les céramiques a parois fines dans la Peninsule Ibérique*. Paris. Diffusion De Boccard.
- MANTAS, V. (2011) – As vias romanas da Lusitânia. *Studia Lusitana*. N.º 7. Museu Nacional de Arte Romano. Mérida.
- MANTAS, V. (2012) – A estrada romana de *Olisipo* a *Scallabis*. In *Cira Arqueologia*. N.º 1. Atas da Mesa Redonda de Olisipo a Scallabis. A rede viária romana no vale do Tejo. Pimenta, J. (Cord.). Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 7-23.
- MANTAS, V. (2016-2017) – O miliário da Quinta de Santa Teresa (Alenquer) e outros problemas viários associados. In *Cira Arqueologia*. N.º 5. Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 76-85.
- MORAIS, R. (2007) – Ânforas tipo Urceus de produção Bética e produções regionais e locais do NW peninsular. In *Actas del Congreso Internacional Cetariae 2005. Salsas y salazones de pescado en occidente durante la antigüedad*. Cádiz, 7-9 de noviembre de 2005, p. 401-415.
- MORAIS, R. (2008) – Novos dados sobre as ânforas vinárias béticas de tipo Urceus. *SPAL*. 17. Universidade de Sevilla, p. 267-280.
- MORAIS, R. e FABIÃO, C. (2007) – Novas produções de fabrico Lusitano: Problemáticas e importância económica. In *Actas del Congreso Internacional Cetariae 2005. Salsas y salazones de pescado en occidente durante la antigüedad*. Cádiz, 7-9 de noviembre de 2005, p. 127-133.

- MORAIS, R. y FILIPE, V. (2016) - Ovoide Lusitana (Lusitania Occidental). *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y de consumo* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/ovoid-lusitan-western-lusitania>). 20 julio, 2016. (Consulta 12-03-2017).
- NUNES, J. C. ; FABIÃO, C. e GUERRA, A. (1988) – *O Acampamento Militar Romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Museu Regional de Arqueologia Arganil. Arganil.
- OXÉ, A., COMFORT, H. y KENRICK Ph. (2000) - *Corpus Vasorum Aretinorum*, Bonn.
- PEACOCK, D. P.; WILLIAMS, D. F. (1987) – *Amphorae and the Roman Economy. An introductory guide*. London. Longman Publications.
- PEREIRA, C. (2014) - *Roman lamps of Scallabis (Santarém, Portugal)*. B.A.R. International Series 2627. Oxford.
- PIMENTA, J. (Coord.) (2013) – *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- PIMENTA, J. (Coord.) (2015) – *O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira- em busca de Ierabriga*. Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- PIMENTA, J. (2013a) – A Arquitetura do Monte dos Castelinhos. In *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 31-42.
- PIMENTA, J. (2013b) – O escudo romano de Monte dos Castelinhos. In *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 43-46.
- PIMENTA, J. (2015a) – Monte dos Castelinhos e a conquista romana na *Ulterior*. In *Catálogo da Exposição “O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira- em busca de Ierabriga.”* Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 113-118.
- PIMENTA, J. (2015b) – Monte dos Castelinhos no quadro da província Romana da Lusitânia. In *Catálogo da Exposição “O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira- em busca de Ierabriga.”* Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 119-122.
- PIMENTA, J. (2017) - Em torno dos mais antigos modelos de ânfora de produção lusitana. Os dados do monte dos castelinhos – Vila Franca de Xira. *Actas Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental. A Orlaria Romana (Seixal 17-20 de Fevereiro de 2010)*. (Fabião, C., Raposo, J., Guerra, A. y Silva, F. Eds.). Lisboa, UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal do Seixal, 195-205.
- PIMENTA, J.; DOMINGOS, J. B. (2015) – O povoamento romano em torno do Monte dos Castelinhos. In *Catálogo da Exposição “O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira- em busca de Ierabriga.”* Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 125-134.
- PIMENTA, J. ; MENDES, H. (2007) - A escavação de um troço da estrada romana *Olisipo-Scalabis*, em Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 10. Número 2, p. 189-228.
- PIMENTA, J. ; MENDES, H. (2012) – Sobre o povoamento romano ao longo da via de *Olisipo a Scallabis*. In *Cira Arqueologia. N.º 1*. Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Scallabis. A rede viária romana no vale do Tejo. Pimenta, J. (Coord.). Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 41-64.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2013) – A sequência estratigráfica de Monte dos Castelinhos. In *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 15-30.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2014) – Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira. Um sítio singular para o estudo da romanização do Vale do Tejo. In *Actas da II Reunião Científica As Paisagens da Romanização – Fortins e ocupação do território no séc. II a.C. – I d. C.* Anejos de Archivo Español de Arqueologia. p. 125-142.
- PIMENTA, J. ; MENDES, H. (2015a) – A investigação em torno de Monte dos Castelinhos. In *Catálogo da Exposição “O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira- em busca de Ierabriga.”* Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 13-22.
- PIMENTA, J. ; MENDES, H. (2015b) – Trabalhos realizados 2008 e 2014. In *Catálogo da Exposição “O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira- em busca de Ierabriga.”* Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 23-106.
- PIMENTA, J. ; MENDES, H. (2015c) – Considerações em torno do faseamento da ocupação. In *Catálogo da Exposição “O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira- em busca de Ierabriga.”* Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 107-112.
- PIMENTA, J. ; MENDES, H.; DETRY, C.; FERNANDES, L. (2015) – - Catálogo de Peças. In *Catálogo da Exposição “O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira- em busca de Ierabriga.”* Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 135-191.

- PIMENTA, J.; MENDES, H. e NORTON, J. (2008) - O Povoado Tardo-Republicano do Monte dos Castelinhos – Vila Franca De Xira. *Al-madan*. II Série, n.º 16, p. 26-37.
- PIMENTA, J.; HENRIQUES, E.; MENDES, H. (2012) – *O Acampamento romano de Alto dos Cacos* – Almeirim. Associação de Defesa do património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim.
- PIMENTA, J.; SORIA, V.; MENDES, H. (2014) – Cerâmicas de verniz negro itálico e imitações em pasta cinzenta de Monte dos Castelinhos - Vila Franca de Xira. In *Atas do Congresso de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. *CIRA Arqueologia*. N.º 3. Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 86-121.
- PINTO, I. V. e MORAIS, R. (2007) – Complemento de comércio das ânforas. Cerâmica comum Bética no território português. In *Actas del Congreso Internacional Cetariae 2005. Salsas y salazones de pescado en occidente durante la antigüedad*. Cádiz, 7-9 de noviembre de 2005, p. 235-254.
- PINTO, I. V.; SCHMITT, A. (2010) – Cerâmica Comum. In *Castelo da Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002*. *STUDIA LUSITANA* 5. Alarcão, J., Carvalho, P. e Gonçalves, A. (Coord.) Museu Nacional de Arte Romana. Mérida, p. 219-443.
- QUARESMA, J. C. (2006) – Almofarizes béticos e lusitanos: revisão morfocronológica de alguns tipos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9. Fasc. 1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 149 -166.
- RICCI, M. (1973) – Per una cronología delle lucerne tardo-repubblicane. In *Rivista di Studi Liguri*. XXXIX. 39, p. 168-234.
- RICCI, A. (1985) - Ceramica a pareti sottili. In *Atlante delle Forme Ceramiche*. Vol. II. Roma: Instituto della Enciclopedia italiana.
- RIPOLLÈS, P. P.; BURNETT, A.; AMANDRY, M.; CARRADICE, I.; BUTCHER, M. S. (2015) – Roman Provincial Coinage. Consolidated Supplement. I-III. (1992-2015). [http://rpc.ashmus.ox.ac.uk/supp/rpc\\_cons\\_supp\\_1-3.pdf](http://rpc.ashmus.ox.ac.uk/supp/rpc_cons_supp_1-3.pdf).
- SANGRISO, P. (2013) – Prosopografia e Produzione Ceramica: *I Murrii*. *Studia Classici e Orientali*. Vol. 59. Pisa University Press S.R.L., p. 207-227.
- SILVA, R. B. (2012) – *As “marcas de oleiro” na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em Historia, especialidade em Arqueologia, orientada pela Professora Dr.ª Rosa Varela Gomes, apresentada a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- SILVA, R. B. (2015) – O contexto alto-imperial da Rua dos Remédios (Alfama – Santa Maria Maior, Lisboa): Vidros, cerâmicas e análise contextual. In *Contextos Estratigráficos na Lusitânia (Do Alto Império à Antiguidade Tardia)*. Monografias AAP. 1, p.41-67.
- SILVA, R. B. (no prelo) – O fácies cerâmico em Olisipo (Lisboa): o período Julio-Claudio. In *GARCÍA FÉRNANDEZ. M.I; RUIZ MONTEZ, P ed. – Actas del Simposio Internacional “Facies y contextos Cerámicos Alto-Imperiales en el Sul de la Península Ibérica (Granada, 2013)*. Universidad de Granada.
- SILVA, R. B.; NOZES, C.; MIRANDA, P. (2015) – O contexto [9033] da Praça da Figueira e a circulação de produtos oleiros em Olisipo. *Estudos e Relatórios de Arqueologia Tagana*. 2. Lisboa, p.1-16
- SORIA, V. (2015) – Um conúbio de sabedoria técnica e novas modas conviviais: as taças em pasta cinzenta imitante TSI de Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira). *CIRA Arqueologia*. N.º 4. Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 51-64.
- VIEGAS, C. (2003) – *A Terra Sigillata da Alcáçova de Santarém – Cerâmica, economia e comércio*. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa. *Trabalhos de Arqueologia*. 26.
- VIEGAS, C. (2011) – *A Ocupação Romana do Algarve. Estudo do Povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias 3. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa Uniarq. Lisboa.